

# mensagem

JORNAL DE CULTURA

Ano II — Número 8

Julho/76.

São Paulo — Brasil

Cr\$ 3,00

## JÁ SOMOS 4 BI



**ALERTA  
O POLVO DOS TÓXICOS  
NOS AMEAÇA**

●  
**«A VIAGEM»  
O POVO QUER MAIS  
DO QUE NOVELAS**

●  
**CHICO XAVIER:  
O HOMEM QUE RI**

●  
**O MISTÉRIO DOS  
GIGANTES DE BOTAS  
DE 7 LÉGUAS**

●  
**FREI GUIDO DE CATÂNIA  
— O SERMÃO DAS SERPENTES —**

●  
**CURA DO VITILIGO**

●  
**DR. ELIEZER TROUXE  
O SEU MÉTODO PARA  
MÉDICOS PAULISTAS**

# Terra, nave espacial superlotada

# DE SÃO PAULO DO BRASIL DO MUNDO E DO COSMOS

## Trigueirinho e as botas

Milhares de telespectadores lamentaram, em todo o Brasil, que a novela «A Viagem» houvesse terminado tão cedo. Mas Trigueirinho, no Shopping-News, achou que ela já foi tarde. Para Trigueirinho só uma coisa se salvou em «A Viagem» — a carpintaria, em que, segundo ele, Ivani Ribeiro é mestra. O resto não passou de audácia espiritualista com a exagerada apresentação de uma vida pós-morte utópica e absurda.

Aplica-se a Trigueirinho o velho ditado: Sapateiro, não vás além das botas! Numa novela que colocou pela primeira vez na TV a concepção espírita da sobrevivência humana após a morte, Trigueirinho só viu a carpintaria. Todo mundo sentiu a grandeza dessa concepção e das suas consequências filosóficas, mas o atilado comentarista não pescou nada.

O que sabe ele de Espiritismo? O que sabe das pesquisas espíritas, metapsíquicas e parapsicológicas sobre a vida espiritual? O que sabe de ciência e filosofia espíritas? O que sabe da teoria evangélica do corpo espiritual e da ressurreição? O que sabe das descobertas atuais de físicos e biólogos sobre a existência do corpo bioplásmico do homem, que os próprios cientistas soviéticos comprovaram há pouco?

Nada. Trigueirinho nem mesmo soube distinguir Espiritismo de Espiritualismo. E é precisamente por isso que não viu nada mais do que a carpintaria da novela. Todos temos o direito de ser míopes ou cegos. Mas o que não podemos é querer nivelar os outros pela nossa deficiência.

Um conselho a Trigueirinho: leia o livro «A Viagem», que já está nas bancas. Mas leia-o com atenção e humildade, para aprender. E anote esta informação valiosa: Frei Albino Arese impressionou-se tanto com o sucesso da novela que passou a usá-la na propaganda dos seus pseudo-cursos de parapsicologia.

## Parapsicologia

Passou por São Paulo, no início deste mês de abril, Dr. Freddy Morin Conil, do Ministério da Saúde da Venezuela, que faz uma viagem de contato com centros de estudos e pesquisas parapsicológicas (da América) do continente. O Dr. Conil fez demorada visita à Redação de MENSAGEM, mantendo longa palestra com o Prof. Herculano Pires sobre os casos mediúnicos de Chico Xavier e Arigó e levando material a respeito de ambos, particularmente livros e exemplares do nosso jornal. De São Paulo o

Dr. Conil seguiu para Buenos Aires, onde permanecerá por alguns dias. Mostrou-se grandemente interessado pelo estudo do Espiritismo em conexão com a Parapsicologia, solicitando informações e literatura a respeito, que lhe foram fornecidos. Declarou que voltará a São Paulo oportunamente para uma permanência mais prolongada.

## Nova Editôra

A Editora Paidéia, recentemente organizada em São Paulo, constitui-se de apenas três sócios e não tem finalidade comercial. Seu objetivo é a divulgação de obras culturais, particularmente de ensaios filosóficos e sociais, em especial no campo da Educação e da Pedagogia. A palavra grega paidéia corresponde aos ideais da educação integral da Grécia antiga. Essa a razão de sua escolha para designar a nova editora.

Segundo o contrato de instauração, a Editora Paidéia fica autorizada a incorporar todos os lucros ao seu patrimônio. Os sócios-diretores não percebem remuneração alguma nem rendimentos do capital nela empatado. Somente o gerente e funcionários contratados poderão perceber vencimentos, se necessário. O primeiro lançamento da nova editora é o livro «Agonia das Religiões», ensaio de J. Herculano Pires sobre a crise religiosa da atualidade, que está sendo distribuído às livrarias de todo o Brasil pela distribuidora IBREX, desta capital. Uma editora a serviço exclusivo da cultura brasileira, que procurará reduzir o preço de seus livros e fazer lançamentos na linha do livro popular.

## Controle da natalidade

O Governo Brasileiro reafirmou a sua posição, tomada no Congresso Mundial de Bucarest, contra o controle oficial da natalidade. O Ministério da Saúde distribuiu recentemente uma nota à imprensa, desmentindo notícias de que iria tomar providências para o controle. Segundo a tese brasileira, o problema do planejamento familiar pertence exclusivamente às famílias. É o casal que decide a respeito.

A notícia de que a população mundial atingiu, em fins de março último, a elevada cifra de quatro bilhões de almas, deu certamente origem aos rumores de uma mudança de atitude do nosso governo. Mas nem por isso entramos na onda. O Brasil é um dos maiores exemplos de que o excesso de população da Terra não passa de uma interpretação errônea e superficial da realidade demográfica. Temos vastíssimas áreas

despovoadas e necessitamos de um aumento substancial da população brasileira para enfrentarmos os desafios do nosso desenvolvimento.

Como demonstraram vários especialistas, no Congresso de Bucarest, o excesso de população se limita, no mundo inteiro, às grandes cidades e regiões urbanas tradicionais. As zonas rurais e imensas extensões territoriais do mundo continuam despovoadas. Não há razão para o alarme dos neo-maltusianistas em torno do problema.

Por outro lado, é sabido que os controles naturais entram sempre em ação, quando ocorrem perigos de desequilíbrio nas áreas vitais. No tocante à população, as estatísticas mostram que as curvas de crescimento são sempre seguidas de curvas descendentes que anunciam o restabelecimento da normalidade. O neo-maltusianismo, como mostrou Fredric Wertham em seu livro «A Marca da Violência», nasceu nos Estados Unidos como reação dos brancos contra o aumento da população negra. É, como assinala o autor citado, uma das marcas da violência na face angustiada do mundo contemporâneo.

## Destaque literário

DESTAQUE, jornal de artes, lançado pela Editora Jornalística Rondon, preencheu um claro lamentável na imprensa do planalto. E por isso pegou. Está já no seu sétimo número e deslançará para novas dimensões das artes. Vai agora penetrar na área das letras, com um suplemento que promete agitar a nossa lagoa de escribas caranguejeiros.

DESTAQUE LITERÁRIO aparecerá de texto e ilustrações, tudo na melhor forma possível. Duas mulheres respondem por essas audácias: Mariângela Oliveira e Vicentina Lopomo. Os caranguejos vão sair da lagoa.

Mas há uma escolta de homens, para salvar a honra do sexo forte, um tanto enfraquecido com as explosões atômicas. Everardo Tibiriçá, o cacique; Carlos Corrêa de Oliveira e Paulo Henriques Belfort Rolim, os anhangueras; Edson Braga, o caçador de esmeraldas e mais uma lista em que aparecem também algumas escoras femininas por via das dúvidas.

Toda essa gente pertence à São Paulo de outros tempos, como logo se vê. Reencarnações ou agêneres que repontam no planalto para lembrar que já houve heroísmos por aqui. O grupo de MENSAGEM se infiltra nessa bandeira renascida dando-lhe um ar de coisa do outro mundo. Quem sabe se assim as letras do planalto deixarão de ser apenas de câmbio?

## A nossa fome

Os dados oficiais da FAO e da CEPAL sobre a fome na América Latina,

recentemente divulgados, oferecem-nos uma radiografia inquietante da saúde continental. Esses dois organismos da ONU colocam os resultados de suas pesquisas na linguagem fria dos números. Nesta parte do mundo apenas cinco por cento da população pode alimentar-se ao nível dos países realmente desenvolvidos.

Em artigo publicado no «Diário de S. Paulo» de 1 deste mês de Abril, Luiz Ferreira Lima comenta: «Vinte por cento da população total, equivalente a 42 milhões de pessoas, consomem 700 calorias a menos que a quantidade mínima reclamada pelo organismo humano.» E acrescenta: «Esses dados indicam que 50 por cento da população latino-americana sobrevivem com baixa renda e isso está influenciando cada vez mais na sua dieta alimentar. Esse fato é tanto mais grave quando se sabe que a subnutrição é responsável direta pelas chamadas doenças de massa, doenças de fome, ou ainda doenças da pobreza.»

Devemos lembrar que não vivemos num continente pobre, mas potencialmente rico. A solução do problema depende de medidas administrativas para incentivo e melhor distribuição da produção. Com menos desperdício da terra e das produções que ficam nos campos por falta de transportes compensadores, a situação continental poderia modificar-se. No Brasil as possibilidades nesse sentido são imensas e podemos esperar muito de um futuro relativamente próximo.

## Livros caros

O encarecimento do livro e das publicações em geral, no Brasil, está exigindo providências no tocante à distribuição e venda do produto. As porcentagens cobradas por distribuidoras e livrarias equivalem à metade do preço, deixando margens mínimas para os direitos autorais (com absoluta desvalorização do trabalho intelectual) e obrigando os editores a carregar no preço de venda. Faz-se cada vez mais necessária uma legislação criteriosa a respeito, em defesa do próprio desenvolvimento da cultura nacional. Num país em que o escritor é subestimado não há estímulo para o trabalho intelectual sério. O livro estrangeiro de baixo teor (porque mais vendável) acaba sufocando o livro nacional. Uma nação, como dizia Lobato, faz-se com homens e livros. Se os homens não gozam de condições favoráveis para produzir livros, nada feito. Esta é uma questão vital, que devia despertar a atenção dos nossos legisladores, enquanto é tempo.

# ESCALADA

HERCULANO

Pisamos o primeiro degrau  
— o fato,  
o fenômeno paranormal.  
Firmamos os pés no impacto  
do real.  
Longe ficaram os trilhos  
do mistério  
com suas mensagens cifradas,  
os mestres aureolados  
de luz sobrenatural.  
Temos nas mãos o critério  
da razão,  
o bernal, os peixes, o pão.  
Subimos a escada de Jacó  
degrau a degrau.

Cem anos depois  
pisamos na Lua,  
primeiro degrau da escala  
infinita dos astros.  
E tocamos com o dedo  
as entranhas da matéria.  
Abriu-se o ventre do mundo  
e nos amplos vazios  
da estrutura atômica  
brilharam os relâmpagos  
da antimatéria.

Hoje sabemos, hoje,  
que a realidade se desdobra  
em profundidades e amplitudes.  
Os ventos do Cosmos sopram  
a poeira do Infinito  
e as estrelas se despalam.

Não podemos dormir embalados  
pelas canções de ninar de outras eras.  
O estridor dos aviões a jato  
e a contagem regressiva dos foguetes  
espantam as pombas da paz.  
Monstros nucleares espreitam  
por trás dos painéis de botões.  
Inventamos a técnica do toque  
para aliviar o esforço dos gatilhos  
e aumentar o terror das explosões.  
Quem dorme na vigília do Horto?  
De que servem as espadas  
ocultas na túnica?  
A orelha de Malco caiu  
há quase dois mil anos  
e o Mestre a reimplantou.

Abandonamos os vôos horizontais  
de asas abertas como pássaros.  
Soou a hora impossível  
no quadrante do tempo.  
Verticalizamos os vôos  
em busca das estrelas.  
Ninguém mais poderá deter  
a nossa escalada.

Voamos em regressão  
no mergulho do infinitesimal,  
rodamos em parafuso  
na ronda suspeita  
dos satélites espíões,  
escapamos na vertical metálica  
dos foguetes cósmicos.  
Despentalamos  
a rosa da Terra.

# UMA NOVA CONSCIÊNCIA

EDITORIAL

Estamos numa hora decisiva da vida terrena. Precisamos tomar consciência das novas condições da vida humana no planeta. Não estamos num mundo tranquilo, pacífico, bem ordenado, regido por normas sociais tradicionais, como foi o mundo de nossos avós. Duas guerras mundiais e o aparecimento das grandes potências atômicas mudaram as condições de vida em todo o planeta. E essas mudanças se aceleram, vão continuar, cada vez mais rápidas e profundas.

Não tenhamos a ilusão de que poderemos nos acomodar em nossa toca e ignorar o que se passa lá fora. Nem mesmo as nações mais poderosas podem fazer isso. O mundo, segundo a velha tese de Waldo Framk, é um só. E Mac Luhan confirma, hoje, que estamos na Aldeia Global. Precisamos tomar consciência disso e tratar de sair da toca para viver a vida como ela é. Não há lugar para confinamentos, para grupinhos de privilegiados, para confrarias detentoras da verdade absoluta. Somos todos convocados para o trabalho em comum, para a luta fraterna, a ajuda recíproca.

Até agora o homem viveu por trás da máscara da face — como escreveu o poeta — mas agora tem de tirar a máscara, de mostrar o que lhe vai por dentro. As mentiras ainda são muitas, mas não se aguentam por muito tempo. Não há mais lugar para a hipocrisia. Todos os trapaceiros vão sendo desmascarados. Não há lugar para a santidade fictícia, para a honestidade de fachada, para os sepulcros de branco por fora e cheios de podridão por dentro.

As modificações são rapidíssimas e as que se iludem com a continuação dos sistemas antigos serão lançados fora do carro do progresso. Já se foi o tempo dos grandes mestres que tinham de ser ouvidos e obedecidos à força. Hoje, somos todos mestres e discípulos uns dos outros. Só a lealdade, a camaradagem, a franqueza, o desejo real de ser útil têm valor. As etiquetas, os títulos, o poder econômico e social, a farsa política e religiosa — são tudo mentiras de pernas curtas. Ninguém se iluda com farolagens.

A nova consciência que está sendo despertada na Terra não é a do ego isolado e vaidoso, mas a consciência da fraternidade, do altruísmo (do interesse pelos outros e não somente por si mesmo). Quem não compreender isso acabará isolando-se a si próprio, tornando-se ridículo nas suas pretensões egoístas. Até agora estivemos apegados ao «eu», dando muitas importâncias a nós mesmos e considerando os outros como suspeitos, estranhos, diferentes de nós. Criamos o racismo, as separações ideológicas, religiosas, nacionais, sociais.

Cultivamos o orgulho, a vaidade, a intolerância e a arrogância. Quanto sangue, quanta dor, quanta angústia semeamos na Terra, quantas tragédias provocamos por não reconhecer os direitos dos outros, não respeitar a liberdade alheia!

As linhas da nova consciência estão bem nítidas diante de nós. Mas os condicionamentos do passado ainda nos esmagam. Precisamos enfrentar o novo mundo com um critério novo de justiça. Em primeiro lugar temos de lembrar que somos apenas (como indivíduos) uma unidade do imenso conjunto matemático dos seres. Somos uma partícula infinitesimal de um todo que é a Humanidade. Em segundo lugar temos de lembrar que só o amor pode vencer o mal, pois quando lançamos o mal contra o mal, a força contra a força, a violência contra a violência — só aumentamos os conflitos e as maldades ao nosso redor. Pensemos nisso e tratemos de modificar o nosso comportamento para que o mundo se modifique.

## MENSAGEM AOS HOMENS

Nosso jornal é uma mensagem aos homens de todas as condições sociais, políticas, religiosas, filosóficas e assim por diante. Não tem finalidade comercial, partidária, sectária ou grupal de espécie alguma. Mensagem aberta, livre, desinteressada, mas que parte de um núcleo de princípios bem definidos e conscientizados: os da Doutrina Espírita.

A visão do mundo que a doutrina nos oferece superpõe-se a qualquer tipo de sectarismo. Tudo o que se refere ao homem, às suas exigências conscienciais, à sua necessidade de libertação, ao seu anseio de integração na realidade cósmica — e portanto à sua humanização — é tratado em MENSAGEM de maneira clara, precisa e sob o mais rigoroso critério de verdade. A ética espírita é a nossa bússola.

Dessa maneira, MENSAGEM é um veículo de comunicação universal. Não se dirige a determinada comunidade, mas à criatura humana em geral. Só não aceita e não apoia deformações da verdade, mistificações da realidade. Precisamos do apoio e da colaboração de todos os que são capazes de compreender essa posição.



HEIV  
MODAS

A única boutique que se especializou em longos.

HEIV  
MODAS

Domingos de Moraes, 1000  
Fone: 70-2853  
Estacionamento próprio

# POLUIÇÃO

## Com a palavra os líderes

Entrevistas de PAULO HENRIQUE BELFORT ROLIM

O que fazer para livrar São Paulo da poluição ambiental, a ameaça negra das suas próprias entranhas? Esse é o grande problema do momento entre nós — e o problema do mundo na era tecnológica. — Por isso, MENSAGEM resolveu ouvir, na Câmara Municipal, os líderes da situação e da oposição, numa entrevista dialética em que os opostos buscam a síntese de uma solução.

O líder da Arena na Edilidade Paulistana, vereador Naylor de Oliveira, responde às nossas perguntas lembrando que o movimento contra a poluição só produziu algum impacto na opinião pública quando as condições ambientais já se achavam muito alteradas na capital, no litoral santista e em determinadas áreas e rios do interior do Estado.

—Na Grande São Paulo há áreas duramente atingidas pela poluição do ar — diz o líder — devido à presença de indústrias que, de modo algum, deviam permanecer no meio urbano. Felizmente, são bastante limitadas as áreas em que os índices de poluição são insuportáveis. De qualquer forma, há bairros inteiros e mesmo cidades quase totalmente tomados pela poluição.

—Como todos sabem, mas é bom acentuar — continua o vereador Naylor de Oliveira — a poluição provoca doenças do aparelho respiratório, principalmente em crianças, como nos casos verificados no ABC, doenças da pele e outros males, pondo em perigo a saúde da população. Em certas ruas, o excesso de automóveis em movimento lento, num trânsito difícil, intoxica os motoristas, os transeuntes e os moradores.

### MEDIDAS POSSÍVEIS

Respondendo a uma pergunta sobre as medidas possíveis de atenuação imediata do mal, responde o líder arenista.

—Impedir os abusos mais flagrantes cometidos pelas fábricas, desestimular o uso do automóvel, meio de condução individual, e criar facilidades para expansão dos meios coletivos, como ônibus e trens, transferir indústrias para o interior, elaborar mapas de poluição para facilitar o seu controle e extinção, impedir a implantação de novas indústrias poluidoras, estimular, por meio de sólidos incentivos fiscais, a descentralização industrial, basear essa descentralização num minucioso programa de ação federal a ser desenvolvido nos principais centros urbanos do País.

### POLUIÇÃO SONORA

— São Paulo deve ser hoje uma das cidades mais barulhentas do mundo — Declara o líder arenista, respondendo a uma nossa pergunta. — A poluição sonora reduz as potencialidades orgânicas das pessoas. É difícil avaliar os efeitos do seu impacto sobre a saúde mental, a não ser nos casos de produção de neuroses em indivíduos e grupos. Muita gente me escreve dizendo que está para enlouquecer com o ruído de alguma fábrica. Em ruas do Ipiranga e do Tatuapé, por exemplo, moradores protestaram contra mudanças recentes do trânsito que lhes tiraram a tranquilidade.

### PRECISÕES URGENTES

Respondendo sobre a poluição das águas, o vereador Naylor de Oliveira enumerou um rol de precisões imediatas.

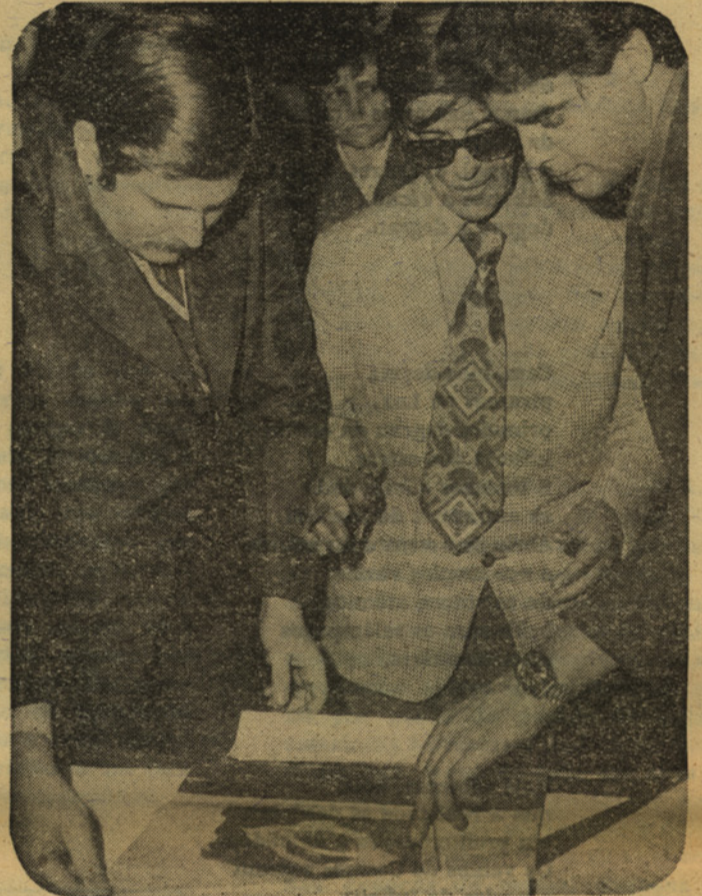
— A poluição das águas atinge índices calamitosos! É preciso purificar as nossas águas, é preciso substituir os detergentes comuns, é preciso impedir o lançamento de detritos industriais nos rios, é preciso ampliar e modernizar o sistema de esgotos, é preciso tornar os nossos rios navegáveis para incentivar o turismo interno e as recreações aquáticas. É preciso que os rios sejam respeitados, é preciso educar a população para que evite as áreas poluídas. Creio que a construção de interceptor oceânico, com limpeza das águas e reestruturação do Porto de Santos viria minorar a situação. A Câmara Municipal de São Paulo apoia toda iniciativa favorável à recuperação da Natureza no Município. O movimento «Arte e Pensamento Ecológico» é uma contribuição nesse sentido.

### HOMENS E ÁRVORES

estatística entre população e áreas verdes, portanto entre homens e árvores, segundo as exigências urbanísticas, só poderá efetuar-se com rapidez e segurança através dessa medida legal.

— De minha parte — diz — e falando em nome do partido e da bancada, estamos prontos a aceitar qualquer sugestão viável para o auxílio do legislativo aos movimentos de preservação do meio ambiente. As portas da Câmara estão abertas para isso. Creio não existirem obstáculos para a realização de conferências, seminários e até mesmo cursos de preservação ambiental, como já se tem feito. A principal batalha pelas áreas verdes é de ordem legislativa. Tivemos séria divergência com o prefeito anterior, que descongelou certas áreas, facultando construções nas mesmas. Por isso, defendemos intransigentemente o zoneamento urbano, mas achamos que ele não protege suficientemente o verde, havendo necessidade de medidas nesse sentido.

O líder do MDB na Edilidade Paulistana, vereador Samir Achoa, acha que nada se tem feito de positivo na preservação do meio ambiente em São Paulo. Ele é vice-presidente da Câmara. — Na minha opinião — declara — tudo não tem passado de declarações estampadas em jornais. De real, até o momento nada existe. Mas como um simples alarde é capaz de dar maior conscientização ao povo, isso não deixa de ter aspecto positivo. A poluição do ar em São Paulo, segundo dados oficiais e comparativos, ainda não atingiu índices catastróficos. Na minha opinião, podemos chamá-la de alarmante. Entendo que devem ser tomadas medidas pelos particulares e pelos organismos oficiais, enquanto é tempo. Quando se fala em poluição do ar tem-se a idéia de que a responsabilidade é exclusivamente das indústrias. Tanto assim que alguns canais de televisão apresentam em suas informações a respeito figuras de chaminés como símbolos. Há um erro conceitual — O maior agente de poluição do ar em São Paulo e nos grandes centros é o automóvel, o que não exclui a contribuição de determinados tipos de indústrias. No tocante aos veículos poluidores, necessitamos de rigorosa legislação tornando obrigatória a adaptação aos carros de equipamentos que diminuam o efeito poluidor. Esses equipamentos já existem e devem ser aplicados pelas fábricas na produção de novos veículos e pelos particulares nos que se encontram em circulação.



O sr. Belfort Rolim, quando discutia Ecologia com Chico Xavier

### FINANCIAMENTOS

— No que se refere às indústrias poluentes — prossegue o líder emedebista — há muito vimos lutando para que os organismos oficiais competentes financiem a aquisição dos equipamentos de controle, que são sofisticados e caros. Não podemos, pura e simplesmente, querer a mudança das indústrias, pois isso poderia, em futuro próximo, causar problemas como o da diminuição da receita municipal.

### O PERIGO DO BARULHO

Continuando a responder nossas perguntas, o vereador Samir Achoa declara:—Não há dúvida que a poluição sonora apresenta perigo efetivo para a saúde em todos os sentidos, principalmente no tocante à saúde mental. A simples observação da nova legislação a respeito, embora não solucione o caso, bastaria para beneficiar a população. Há exigências que diminuam as consequências da poluição sonora. Mas é evidente que outras medidas, outras providências podem ser tomadas. O líder da bancada municipal do MDB mostra-se realmente interessado em conseguir da Edilidade Paulistana, na medida de suas atribuições, as medidas necessárias para conjurar o perigo do barulho excessivo nas ruas da capital. Esse interesse coincide com o do líder da Arena, de maneira que o legislativo paulistano está em condições de agir de maneira urgente ao tocante ao

grave problema da poluição sonora.

O mesmo acontece no tocante a poluição das águas. O vereador Achoa entende, como seu colega arenista, que devem ser tomadas providências contra abusos das indústrias que poluem os nossos rios e até mesmo as praias do litoral paulista. Os problemas da poluição constituem um ponto de encontro dos vereadores paulistanos, acima de suas divergências partidárias. Achoa lembra a necessidade imediata de providências para desviar os esgotos das praias e estabelecer rigorosa fiscalização das indústrias, particularmente as de produtos químicos, que aponta como as principais responsáveis pela poluição dos rios. Também no caso da ampliação das áreas verdes de São Paulo, mostra-se concordante com o líder arenista, entendendo que as desapropriações para esse fim devem ser intensificadas.

### MOVIMENTOS CULTURAIS

Os problemas do meio ambiente preocupam também os meios culturais. Nesta mesma edição publicamos oportuno trabalho do sr. E. M. Abeliá, presidente do movimento «Arte e Pensamento Ecológico» (ver página 10) e esperamos divulgar em nosso próximo número uma entrevista a respeito com o sr. Abeliá, que se tem revelado como um dos maiores entendidos do assunto entre nós, capaz de perceber e denunciar os pontos fracos da batalha paulistana contra a poluição.

# JÁ SOMOS MAIS DE 4 MILHÕES

## Terra-Veículo celeste superlotado

As 21 horas e 15 minutos de 28 de março último, o relógio demográfico eletrônico de Chicago marcou em seu mostrador, em cifras luminosas, o número alarmante: 4.000.000.000. A Terra completava, naquele instante, a lotação planetária de QUATRO BILHÕES de habitantes. O Museu da Ciência e da Indústria em que esse relógio de absoluta precisão, único no mundo se acha instalado, já havia fechado suas portas. A hora demográfica de dez cifras brilhou solitária. Ninguém estava ali para vê-la.

Mais espantoso que os números do relógio é esse fato estranho. Os homens, que tanto se preocupam com o aumento acelerado da população terrena, estavam ausentes. O vigia cuidava das últimas verificações no fechamento do edifício. Não havia nenhum dispositivo eletrônico para acusar aos cientistas e aos estatísticos o momento decisivo em que a Terra ultrapassava os limites das inúteis previsões humanas. No minuto seguinte o relógio continuava a marcar o crescimento incessante da população.

Onde estavam os futurólogos vigilantes que pretendem controlar o planeta? E se estivessem ali, de olhos pregados no relógio, o que poderiam fazer? No máximo assustar-se e proclamar ao mundo que a catástrofe prevista por Malthus se abatera sobre a Terra. Mas o velho Malthus já desapareceu há muito e os neo-maltusianos não encontraram ainda nenhum meio capaz de deter o crescimento populacional. Há qualquer coisa de simbólico nessa marcação solitária da hora quadrilibrária do mundo dos homens. Quem preside ou o que preside aos destinos da espécie humana em seu veículo espacial no Cosmos? Em que ponto do infinito esses novos passageiros embarcam na nave espacial terrena?

### NAÇÕES PREOCUPADAS

No Congresso Internacional Demográfico de Bucarest, no ano passado, a maioria das nações, representadas por

equipes de especialistas, mostrou-se intensamente preocupada com o problema. Mas várias nações, entre as quais a China superpopulada e o Brasil de pequena população (em relação ao território) consideraram que o problema não constituía nenhuma espécie de ameaça. O bloco das nações preocupadas propunha diversas medidas para restrição e controle da natalidade. Mas enquanto os debates prosseguiam, sem que nenhuma medida eficaz fosse apresentada, o impassível relógio demográfico de Chicago marcava, na distância, o irrefreável aumento populacional.

### JÁ SOMOS 4 BILHÕES

A Índia, país de uma superpopulação que se traduz em miséria, bateu-se pela adoção de medidas anticoncepcionais já aplicadas em seu imenso território. Apesar dessas medidas, a população indiana continuava e continua explosiva. Um cientista inglês propôs curiosa medida: a diminuição da estatura humana através de processos de interferência, por meio de drogas especiais, na dinâmica biológica de reprodução da espécie. O resultado seria a transformação da Terra num planeta liliputiano, com a população de homúnculos do país imaginado por Swift nas *Viagens de Gúliver*.

As esperanças do cientista consistiam na diminuição do espaço ocupado pelos homens e na diminuição da quantidade necessária de alimentos para a subsistência de uma superpopulação. Mas tudo isso não passava de pressupostos. Havia o perigo das modificações biológicas resultarem, por exemplo, num aumento imprevisível da voracidade dos homenzinhos do futuro, transformados em gafanhotos insaciáveis. Além disso, era improvável conseguir-se a diminuição total de humanidade. Nesse caso, os indivíduos ou até mesmo grupos populacionais que escapassem à medida podiam criar um desequilíbrio populacional perigoso, com a divisão da humanidade em gigantes e anões. A população

de gigantes (da estatura normal de hoje) continuaria a crescer e poderia esmagar a população anã.

A tese audaciosa foi rejeitada. Os norte-americanos propuseram a construção das cidades cósmicas no espaço. Cidades tubulares, construídas em faixas limites da gravidade terrena com a gravidade lunar, em que os homens viveriam como os deuses gregos da antiguidade, flutuando no intermundo. Sugeriu-se também a fecundação da Lua através de irrigações artificiais e plantação de vegetais em gigantescas estufas. As plantas criariam a atmosfera lunar e o satélite salvador poderia ser colonizado pelas nações terrenas.

Tudo muito imaginoso, como se vê, mas de viabilidade a longo prazo, o que invalidava as propostas, diante da velocidade incontrolável do crescimento demográfico. Os especialistas se viram impotentes ante o desafio da chamada explosão demográfica. E os países antilimitadores, apesar de um número menor, saíram vitoriosos. Tudo ficou como estava e os bebês continuaram a invadir a Terra por todos os lados. Não era possível aplicar o método de Herodes em Belém. A matança dos inocentes seria a negação de todos os princípios da Civilização.

### KARDEC VERSUS MALTHUS

A teoria de Malthus se baseou nos dados de produção de alimentos do século XVIII. No Congresso de Bucarest vários especialistas demonstraram que o avanço científico e técnico do nosso tempo anulou as previsões malthusianas. Além disso, ficou patente que a superpopulação verifica-se apenas em alguns países e geralmente em zonas urbanas, particularmente nas grandes cidades. As zonas rurais mostram-se capazes de receber enormes acréscimos de população. E em todo o globo existem imensas regiões inteiramente despovoadas. Concluíram, assim, que o problema atual não é populacional, mas

simplesmente de distribuição da população e da produção. Grandes extensões férteis do planeta continuam incultas por falta de meio de transporte para a produção.

Malthus publicou o seu livro, «Ensaio Sobre o Princípio de População» em 1798. Mais de sessenta anos depois, em 1857, Kardec publicava *O Livro dos Espíritos*, onde se encontra o capítulo sobre a lei de reprodução. Nesse capítulo Kardec sustenta que o crescimento da população terrena é regido por leis naturais, de acordo com a capacidade do planeta. Segundo Kardec, a Terra estava ainda longe de possuir a população a que se destina. Seu desenvolvimento decorre precisamente do aumento progressivo da população, na sucessão das gerações e das raças humanas. Muitas raças já se extinguíram na Terra, sendo substituídas por outras, mais perfeitas e mais aptas que elas. O mesmo acontecerá às raças atuais, pois a Terra é um mundo em evolução, destinada a elevar-se no concerto dos mundos habitados no Cosmos.

### BILHÕES AINDA VIRÃO

É fácil concluir, de um exame atento das regiões povoadas da Terra, na atualidade, que os quatro bilhões de seres do presente não chegaram a povoar metade do planeta, na proporção das regiões que hoje consideramos habitáveis. A evolução científica e tecnológica abre perspectivas, dia a dia, para um alargamento dessas possibilidades, cujos limites ainda nos escapam. Estejamos tranquilos. Novos bilhões de seres humanos ainda aguardam a oportunidade de aumentar a lotação da nossa nave celeste. Nós mesmos, os homens, estamos preparando a Terra para as condições necessárias a esse aumento. As leis que regulam as populações dos mundos não são feitas pelos homens. Cabe-nos apenas cumprir os designios de Deus, contra os quais nada podemos fazer, como vimos nos resultados do Congresso de Bucarest.

## TEATRO

Para que nos adianta o dinheiro sem o amor?

Para que nos servem os altos postos sem a vida?

Estas e outras reflexões são aguçadas por LIÇÃO DE ANATOMIA, peça de Carlos Mathus.

Neste espetáculo são colocadas várias situações do ser humano, desde seu nascimento até sua morte, na procura angustiante de ser alguém procura esta que se confunde, muitas vezes, em «ter» dinheiro, diploma, cargo elevado.

Todo o clima da peça nos traz a preocupação do autor pela falta de comunicação entre os seres humanos. A corrida desgastante da humanidade pelo dinheiro. A solidão que o indivíduo escolhe para se desenvolver na rivalidade mesquinha de «vencer na vida» culpando uns e destruindo outros. Para que?

Desde a entrada no teatro o espectador já sente algo original: os atores, vestidos normalmente,

orientam o espectador em qual o lugar na platéia se refere o ingresso: «olha é o Geraldo Del Rei», «poxa é a Cacilda Lanusa»... comenta o público.

Este início já vem demonstrar a necessidade de ver o homem como ele é. Todos somos iguais. O artista que vai entrar em cena é uma pessoa normal, não precisa de um pedestal e de uma admiração de longe.

As luzes vão se apagando. A peça vai começar. Os artistas vão para a arena. Acendem-se os focos. Com pouca luz azul os atores começam a se despir, simbolizando o «despejar dos entraves sociais». Pouco a pouco começam a emitir sons e tentar a comunicação uns com os outros. São trazidas as roupas, todas iguais para os homens e mulheres.

Após estas cenas de profunda beleza plástica e de pureza de relacionamento de criança, aparecem quadros do homem crescendo na sociedade; a educa-

ção muitas vezes cristalizada; as festas sociais; a mulher como um peso morto; a corrida sem fim; a amizade mal compreendida; o isolamento do indivíduo. Estes e outros temas são enfocados acompanhados com uma expressão corporal admirável, fazendo passar a mensagem com grande facilidade.

A sonoplastia, bem escolhida, contribui para ressaltar as cenas e nos coloca no mundo confuso e complicado da mente humana.

«Lição de Anatomia» traz a realidade desumana para onde caminha a vida dos que não refletem. Termina, entretanto, com uma mensagem de otimismo. Após desilusões, desespero, vêm as perguntas angustiantes, que tantos só fazem ao chegar próximo à morte: O que eu fiz de minha vida? O que fiz de meu amor?

Os atores param perto de um corpo estendido no chão. O homem morreu. Contudo, ressurgem o gesto-símbolo; e eles, em

## Lição de Anatomia

Marilia de Castro

silêncio, tentam se achar neste mundo caótico em que vivemos. Numa apoteose os artistas voltam-se para a platéia. Vão se comunicar diretamente com o público, sem nenhuma palavra, mas «falando» muito de ser para ser. Neste momento há a conclusão da peça, onde se observa

claramente que passou a mensagem, pois os artistas conseguem transmitir o grande afeto que possuem por aqueles seres que estão ali os assistindo. Neste instante não se procura o industrial, o universitário, o sexo oposto, mas o ser humano que existe tantas vezes aprisionado em nós.



# Mensagem Literária

## Sermão no trem: subindo a serra

(especial para Mensagem)

Por ocasião do jubileu da morte de Lobato, julho de 1973

Em Pindamonhangaba, num quarto do «Hotel Brasil», certa noite, escrevi no meu diário, essas palavras que deviam ser proferidas, na subida do trem, para Campos-do-Jordão, na manhã seguinte, com professores e com os alunos do Vale, premiados num concurso da Estrada de Ferro:

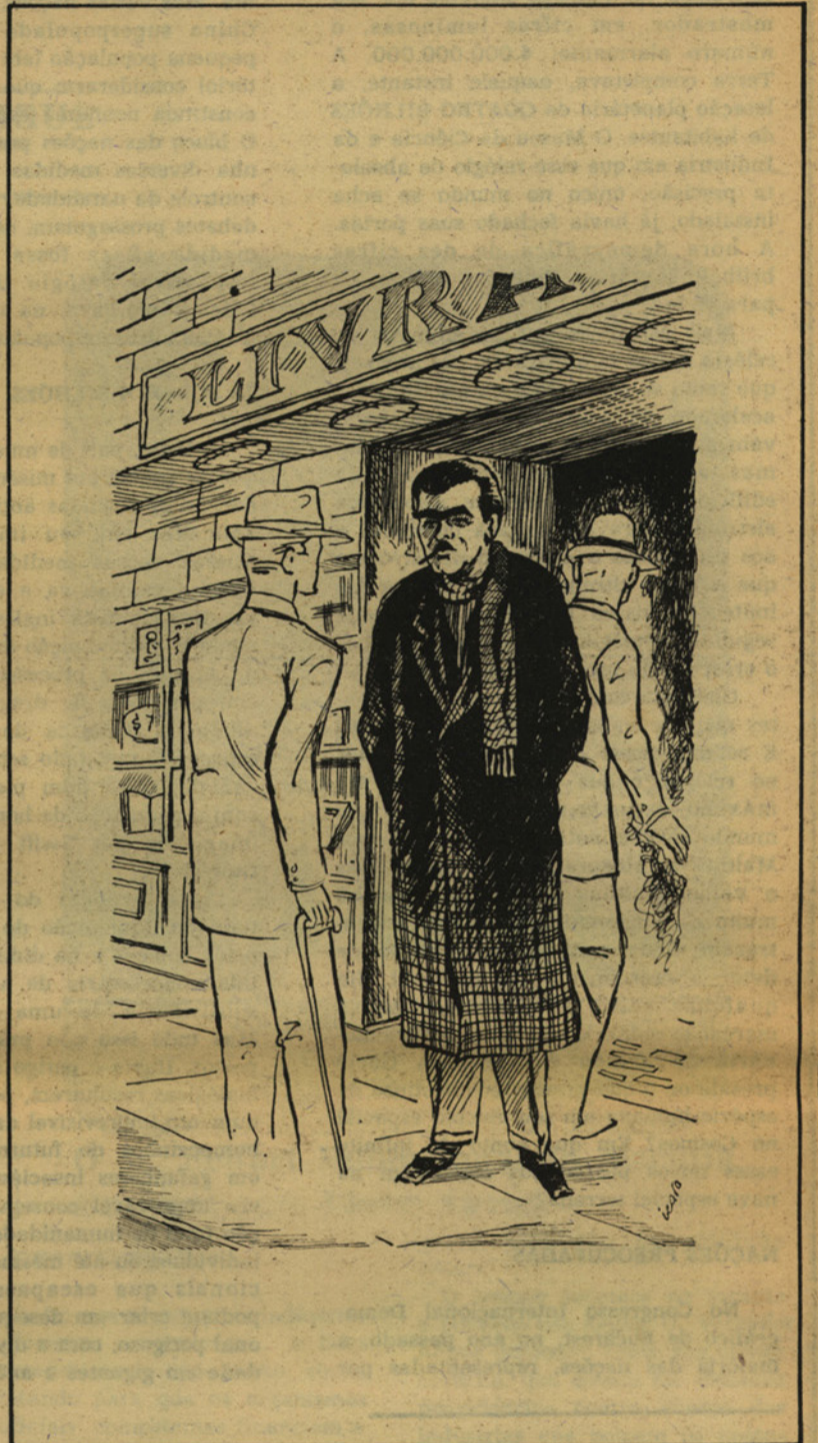
«Celebração para este domingo, subindo a montanha, como num sermão, eu agora exclamo: mestre e querido amigo LOBATO: «SOMOS O TEU POVO REUNIDO EM TEU AMOR». O trem sobe a serra. 32º Domingo Comum. Participemos de uma missa leiga, queremos te louvar, ó santo pagão que já tem um lugar bem marcado no calendário dos nossos corações. O evangelista Lucas disse: «Fazei isto por mim...»

E aqui, estamos nós, mestre LOBATO, em torno de ti, da tua memória. Ontem, como num sonho concretizado, tive a mais feliz manhã de autógrafos de

minha vida. No balneário, no «Reino das Águas Claras», rodeado de crianças, autoridades, jovens estudantes, amigos do Vale e de São Paulo. Chovia, mas mesmo assim havia no meu coração um calor mais fundo e, em surdina, eu cantava: — eu sou um cavalo velho que nessa verde relva se esponja; eu sou um menino grande, que abriu uma porteira e deu passagem a boiada espantada dos afetos comboiados e correspondidos. Nenhum boi malvado, nenhum boi sem coração veio estragar a nossa festa. Era bom que tivesse aparecido o sol, mas chovia e aquela chuva era boa, chuva criadeira; a lavoura do Vale estava precisando dela. A água era mais útil, descia dos céus, adubava a minha vaidade de autor faliz. Tanta gente boa e solidária em torno. E houve até discursos e música folclórica do «calango mineiro», a dupla Geraldo e Paulinho, arranjo do velho feiticeiro, pajé, sacizeiro do Vale, esse cabra chamado Pyles, inven-

tador de modas, «pingunço» curtido nas águas que os colibris do Dr. Durival não bebem, beijando as flores de muitas cores do seu sítio de paz, o Guanumby, ali, em cima do morro.

Quando o ruidoso folclore se cala, nasce a paz na raiz da serra. E de paz e amor é do que precisa um grande engenheiro como esse meu calmo e santo líder do Vale, dr. Durival, carvalho plantado, dando sombra e agasalho aos lobatianos cometas, aos pássaros marrons e azuis, de asas de gazolina, que trafegam com suas rodas nas estradas e nos caminhos do Vale. OI as amadas criaturas do Vale, suas abençoadas criações! Lá, do alto da colina, Durival ainda comanda e todos nós, da equipe da Estrada de Ferro de Campos-do-Jordão, obedecendo ao seu comando. Foi ele o criador das maravilhas todas, que mereceu na minha parte esses toscos e sinceros versos: Rude Poema, ao Reino das Águas Claras



## A VIAGEM

J. Alves Faria

O livro «A Viagem», lançado pela Editora Bels, de Porto Alegre, apresenta a famosa novela de Ivani Ribeiro — o maior impacto de TV dos últimos tempos — em linguagem e dimensões literárias. O editor, sr. Francisco Belvedere, entregou a distribuição dos volumes, em todo o Brasil, através das bancas de jornais, à distribuidora Abril Cultural. Prevê-se uma venda rápida de mais de cem mil exemplares.

O livro, elaborado por J. Herculano Pires, que foi o assessor doutrinário de Ivani Ribeiro, apresenta todo o enredo da novela, acrescido de capítulos referentes a problemas que não podiam ser levados na TV por dificuldades técnicas. Por exemplo, o capítulo que descreve uma noite em «Nosso Lar», com a amplidão de um céu muito mais vasto que o da Terra e semeado de constela-

ções que não são visíveis em nosso plano; o capítulo referente ao fenômeno do agêner, quando Diná se adensa numa aparição tangível para socorrer Patricinha e brincar com ela; os capítulos referentes ao processo da morte de Alexandre, César e Diná, em que o desligamento do espírito, ao desprender-se do corpo, é relatado em minúncias; o capítulo da descida de Luis à Terra e da sua locomoção entre os vivos, da maneira por que ele se movimentava no meio humano terreno.

Ilustrado com várias fotografias dos artistas principais, com a foto em cores de Diná e César (Eva Wilma e Altair Lima) na capa, o volume traz duas mensagens de Chico Xavier sobre a novela, uma em telegrama enviado a Ivani e outra em carta a Herculano Pires. Com essa publicação em livro a novela «A Viagem» continua a sua penetra-

ção por todo o Brasil. Uma das características do livro é o seu sentido didático, esclarecedor dos problemas da vida e da morte, não apenas através da contribuição espírita, mas sempre com o amparo e o reforço das pesquisas e descobertas científicas da atualidade no campo dos fenômenos paranormais. Os editores explicam que a sua intenção não é doutrinadora ou proselitista, mas simplesmente a de oferecer ao público um texto literário da novela que tanto interesse despertou, ao mesmo tempo que pôs em debate as questões sobre a morte e a sobrevivência, numa época em que todos os problemas do sobrenatural são transferidos para a área do natural, considerados acessíveis à investigação científica. Mesmo porque a verdade é que todos morreremos, de maneira que os problemas da morte devem nos interessar tanto como os da vida. As conotações científicas da novela são feitas em estilo simples e claro, popular, facilitando a compreensão dos problemas mais complexos.

## A novela em livro

Assim, o livro oferece não apenas o interesse do enredo, mas também o das curiosidades do nosso tempo a respeito dos poderes do pensamento, da ação hipnótica, da existência de outras dimensões da matéria, como no caso das recentes descobertas sobre a antimatéria.

Nesse sentido, o livro «A Viagem» presta um grande serviço aos que desejam atualizar-se no tocante à nova concepção do homem, da vida e da própria constituição do nosso planeta. Ao tratar da esfera de Nosso Lar, que apresenta como uma espécie de envoltório de matéria rarefeita em torno da atmosfera terrena, o texto oferece uma visão grandiosa do planeta, com suas esferas superpostas e cada vez mais refinadas e com populações correspondentes. A crosta terrena assemelha-se então ao caroço de um fruto envolto em várias camadas concêntricas de polpa. Uma imagem perfeitamente clara e que facilita ao leitor a compreen-

são de um dos problemas mais complexos das atuais descobertas científicas.

Há uma diferença enorme entre a linguagem de televisão e a linguagem literária. A linguagem de televisão é sincopada, utilizando o mínimo de palavras e o máximo de imagens. A literária é precisamente o contrário.

Essa a razão por que uma novela de tv não pode ser publicada no seu texto original, exigindo a reelaboração literária. E se a tv tem a vantagem de maior possibilidade de esclarecimento das situações e dos problemas do enredo. E por isso que o livro completa a tv e a tv projeta o livro numa perspectiva de maior realidade. Os que assistiram a novela precisam ler o livro para captarem pormenores e sutilezas que escapam na percepção rapidíssima das cenas televisionadas. Essa complementação da tv pelo texto literário está agora ao alcance do público através do lançamento oportuno da Editora Bels.

## James Jones

O que espanta na obra célebre de James Jones — *A Um Passo da Eternidade* — é o sucesso feito pelo livro num tempo em que o tempo para longas leituras já se havia esgotado. O próprio título da obra destoava do gosto literário da época. Jones parecia ignorar a evolução literária norte-americana. Seu estilo não se enquadrava em nenhum modelo avançado. Não surgia como escritor de vanguarda. Não inovava coisa alguma. Escrevia com a displicência de um contador de histórias vulgares, em linguagem de quartel. Mas não foi essa naturalidade insolente que o favoreceu. Foi apenas o fato de contar uma longa e complicada história de soldado, sem nada mais querer do que contá-la. Isso desaponta os que trabalham seus livros com paciência de ourives. Chegou-se mesmo a dizer que o realismo norte-americano, diamante lapidado em estilo clássico, somente se realizava nas páginas de James Jones! Um despropósito.

Seja como for, *A Um Passo da Eternidade* é um livro que justifica o seu sucesso pelo enredo e pelo estilo. Seu realismo está na filmagem de ambientes e personagens, na espontaneidade da narrativa e na liberdade da linguagem. O processo descritivo é minucioso e lento. Jones filma em câmara lenta da primeira à última página. Faz o que pode para não deixar ao leitor a menor possibilidade de imaginação.

Os críticos norte-americanos louvaram precisamente o valor

descritivo da obra. Podemos dizer que Jones lançou ao mar da memória (a memória recente) a sua rede de pescador, não com a volúpia literária de um Proust, nem como a agilidade vibrátil de Hemingway, mas apenas com a sensualidade de um marinheiro. O seu gosto pelas minúcias contraste com a técnica denâmica da moderna literatura norte-americana, adequada à pressa e à agilidade do século. Suas mil páginas descritivas teriam sido reduzidas a um terço pela capacidade de síntese de um escritor realmente representativo do realismo norte-americano. Talvez tenha sido esse contraste o principal motivo do seu sucesso, num momento em que o público tentava reintegrar-se, após a guerra, na vida normal.

Por outro lado, a palavra *eternity*, que encerra toda a ênfase do título deve ter agido sobre o público, traumatizado pelos horrores da segunda guerra mundial, como agente hipnótico de grande poder. A efemeridade da vida terrena, a sensação existencial da fragilidade e da criatura humana, a promessa da eternidade levava um consolo oportuno. É curioso como a concepção negativa do homem, como uma espécie de libélula destinada a desaparecer da existência de um momento para outro, traz em si mesma a sua contradição, na esperança latente e quase sempre disfarçada ao máximo pela vaidade e o orgulho, de uma eternidade possível. Os leitores de após guerra ansiavam por essa porta de escape, que o livro de James lhes ofere-

Amaral Simonetti

ceu, com a impressão maciça de uma larga porta aberta para o infinito.

Não estou fazendo uma crítica tardia do conteúdo do livro, mas apenas uma apreciação de sua curiosa situação na literatura contemporânea e de sua estrutura literária antiquada. A edição do livro em nossa língua, neste momento, pode exercer sobre o público brasileiro o mesmo fascínio. A Editora Juniper o lançou em dois volumes, na tradução de Atilio Cancan, que me parece excelente. O filme baseado no livro e que teve a melhor aceitação entre nós certamente concorrerá para o sucesso desta edição corajosa, numa fase em que normalmente se apela às edições de bolso e volumes de poucas páginas, em virtude do alto custo da produção editorial.

*A Um Passo da Eternidade* aparece na Coleção Azul da Editora Juniper, destinada às obras de sucesso do romance moderno. Na mesma coleção aparece o romance de Larry McMurtry *Eu os Amava Demais*, na tradução de Agatha Maria Auersperg. Larry já teve um livro traduzido no Brasil, precisamente o romance que serviu de argumento para o famoso filme de Paul Newman e Patricia Neal *Hud*.

A mesma editora está lançando também a Coleção Branca, de obras de ficção referentes a temas médicos sexuais, e a Coleção Verde, de romances de aventuras. Como se vê, um novo impulso editorial no campo do romance. Espero que o escritor brasileiro tenha vez nessas coleções.

## Mensagem Literária

### Lobatear

Milton Pinheiro

Dia do Livro é Dia de Lobato e isso diz tudo. 18 de Abril, dia em que Lobato nasceu para fazer o livro crescer no Brasil. Nada me parece mais no jeito para louvar Lobato do que virar seu nome em verbo. Um verbo novo da língua que não tenho força para criar mas se criou por si mesmo. Já ouvi de Paulo Dantas: «Vamos lobatear». E Artur Neves um dia me disse: «Se todos lobateassem o Brasil seria outro». Afonso Schmidt, ao me ver um dia defendendo a tese do petróleo brasileiro me disse: «Você está lobateando».

O verbo novo foi surgindo assim, de boca em boca. Um dia resolvi conjugá-lo e vi que dá certo:

*Eu Lobato  
Tu lobatas  
Ele lobata  
Nós lobatamos  
Vós lobatais.*

Verbo regular, sem dificuldades de conjugação. E que diz mais do que se pensa. Porque lobatear é fazer quase tudo, porque Lobato fez quase tudo. Lutou para ensinar o Brasil a ler e foi à falência. Lutou pelo petróleo e foi preso. Lutou pelo ferro e se estrepou. Mas falido, preso, humilhado, ofendido, nunca deixou de lutar. Lobato foi o herói nacional completo. Nunca pensou em matar, só em criar. Torceu a gramática pelo pescoço e acabou entrando na gramática como verbo novo. Se os gramáticos ainda não perceberam isso, é porque são rinocerontes.

Lobato foi o herói burguês anti-burguês. Hostilizado em paletó, colarinho e gravata, pisando no pescoço do Homem Amarelo da Malfatti, zombando dos inovadores apressados e renovando a seu modo, escrevendo clássico e chutando os gramáticos, candidatando-se à Academia e rejeitando a cadeira de museu que lhe deram e assim pela frente.

Em política tinha uma visão múltipla, não achava jeito de vestir no Brasil um modelo único. Em religião misturava Krishnamurti e Kardec e apresentava o Espiritismo como religião do futuro. Em arte, rejeitava os modernos e pintava aquarelas.

Pois era nessa mixórdia que estava o seu gênio e o gênio do Brasil. Vinha da era burguesa e entrava na era tecnológica. Percebia no horizonte os clarões de um novo dia e contava com o mundo admirável de Huxley. Não acreditava num país essencialmente agrícola e queria petrolizar o Brasil. Discordava das loucuras ianquis e queria ianquizar-nos. Queria ser moderado e rompia os limites. Tudo isso o fazia um misto de Dona Benta e Emília. O Brasil era o Sítio do Picapau Amarelo e Pedrinho era o imperador (na dinastia dos Pedros) desse império infantil que crescia sob controle dos adultos.

Mas havia nesse labirinto um fio de Ariadne que o livrava do minotauro. Esse fio era a sua brasilidade, o seu apego à terra e à gente do Brasil. E à língua, que por ser portuguesa era brasileira. Lobato sabia que era impossível botar uniforme num país que tanto se parecia com ele. Certo disso, tentava amarrar as pontas das contradições. O importante era arrancar o novo do velho sem matar o que havia no velho de bom e de útil.

Encantou-se com o pragmatismo de Dewey na Educação e estimulou Anísio Teixeira a implantar Dewey no Brasil. Isso foi feito e ele não se satisfaz. Foi buscar os clássicos gregos e sua mitologia para amolecer a segura pragmática. Anísio pragmatizava nas escolas, Lobato maneirava na literatura infantil. Condenaram seus livros mas o picapau marelo não parou de picar com o seu topete eriçado. Escreveu *O Presidente Negro* e ficou triste com o seu racismo, mas na verdade fizera uma profecia. Seu herói negro encarnou-se nos States e espantou os brancos.

Hoje, mais do que nunca, estamos precisando de empregar o verbo lobatear em todos os sentidos. Porque lobatear é sobretudo amar o Brasil e lutar para que ele se realize em todas as suas potencialidades. Particularmente no tocante à cultura, para que este país de eleitores mas vazios de leitores aprenda a lição lobateana de que uma nação só se faz com homens e livros. Homens que escrevam livros como ele escreveu e homens que leiam livros como ele os leu. Lobatear não é zombar. É lutar, fazer, construir, abrir caminhos, catar os piolhos da serra e transforma-los nos jéca-tatus de botas de couro reluzente e lenços no pescoço.

## Homenagem a Ivani

O elenco da novela *A Viagem* promoveu, sob a liderança da atriz Eva Vilma, em sua residência, uma homenagem a Ivani Ribeiro e Herculano Pires, pelo êxito sem precedentes da primeira novela espírita apresentada na televisão brasileira. Foi um verdadeiro encontro dos elementos de todos os setores de produção da novela em torno de uma peixada sensacional, preparada sob a direção do famoso São Agenor, pai de Lisa e já agora sogro de Téo. Correu tudo da maneira mais entusiástica. Houve falatórios sérios e humorísticos, brincadeiras e um ambiente de perfeita telecamaramagem.

Nas notícias divulgadas pela imprensa, como sempre, Herculano Pires foi citado como presidente da Federação Espírita do Estado de São Paulo, coisa que nunca foi e nem sequer será, pois tem sérias divergências com essa instituição, recentemente agravadas com o caso de adulteração de uma obra de Kardec. Mas esse fora corre por conta exclusiva dos repórteres mal informados.

Eva Vilma estava lindíssima na sua simplicidade de dona de casa, provando que o estágio no céu, onde conseguira entrar disfarçada em Diná, lhe fez muito bem. Ivani Ribeiro, que agora vai fazer novelas para Silvio Santos, foi uma aparição surpreendente. Parecia ter voltado, também, das esferas celestiais. Só Claudio Correia e Castro reclamava. Com o fim de *A Viagem*, foi rebaixado da condição

celestial para a de mendigo e batedor de carteiras, trocando a chefia de *Nosso Lar* por um baixo de viaduto, na novela *Xequé-Maté*.

### CHICO E O ELENCO

Pouco depois, Rolando Boldrin (dr. Alberto) convocava o elenco para um encontro com Chico Xavier no Centro Batuíra. Foi tudo de surpresa e nem todos puderam comparecer. Chico estava eufórico com os resultados de *A Viagem*. Conversou longamente com os presentes e acabou recebendo uma mensagem psicográfica de Batuíra que agradou a todos.



IVANI, as mãos que criaram *A Viagem*

## PLANO DA SERIE

1. A Cidade Terrena e a Cidade Celeste.
2. O Deus do Mar e a Deusa da Terra.
3. Jesuítas e Caciques fundam a Cidade.
4. Gigantes de Botas de Sete Léguas.
5. Lâmpioes de Gás e Iluminação Lunar.
6. Surto Cafeeiro e Nobreza do Café.
7. Martinelli: um salto sobre os telhados.
8. O rush Agro-Industrial.
9. O Caldeirão Racial dos Trópicos.
10. Nova Babilônia às Margens do Tietê.
11. Psicopatologia da Metrópole.
12. Os Enigmas da Alma Bandeirante.
13. O Complexo Metropolitano.
14. Civilização Caipira e Cosmopolitismo.
15. Abertura Tecnológica da Era Cósmica.
16. Expansão Cultural e Universitária.
17. O Aqui e o Agora de São Paulo.
18. Perspectivas para o Ano 2.000.

Como e porque foi a Vila de São Paulo de Piratininga o centro da expansão territorial do Brasil no período seiscentista, no correr do primeiro século da descoberta? As razões geográficas e particularmente hidrográficas já foram suficientemente analisadas por numerosos historiadores. Mas seriam essas razões as únicas determinantes daquilo que Frei Vicente do Salvador chamou de **continuação da descoberta**? Qual o motivo por que as fortificações costeiras do norte não se mobilizaram para a penetração a fundo no Continente?

Entendem alguns, como Paulo Prado, que os responsáveis pela guarda da costa preferiram **arranhar o litoral** com receio dos perigos da mata virgem, habitada por tribos ferozes, e também por medo de cobras e mosquitos com seus venenos e suas febres. Outros alegam as dificuldades das poucas e breves penetrações realizadas e a conveniência de manterem a vigilância necessária na zona costeira, infestada por aventureiros franceses e holandeses. O perigo do norte era maior que o do sul, como ficou demonstrado com a invasão holandesa, repelida por três raças conjugadas: a indígena, com Felipe Camarão; a negra, com Henrique Dias; a branca, com André Vidal de Negreiros.

Tudo se articula num plano admiravelmente urdido e executado para que o Brasil se desenhasse no chão da América na forma de um coração. O coração do mundo, como diria Emmanuel, na Pátria do Evangelho. A intenção oculta se manifesta no plano histórico de maneira evidente. Os rios do Planalto correndo para o sertão, ao invés de correrem para o mar, o Tietê marcando a rota de Cuiabá, os vales do mapa hidrográfico desafiando Piratininga para a aventura da expansão, o assalto vicentino à muralha intransponível da Serra do Mar, a implantação do Colégio em pleno coração do Planalto. Não é possível negar-se a convergência de todos esses fatores na realização da odisséia paulista e particularmente paulistana.

### OS GIGANTES

Mas, para completar esse conjunto e tornar exequível o plano divino (ou paranormal) temos ainda o aparecimento dos gigantes de botas de 7 léguas. De onde vieram eles? De onde surgiu essa raça vigorosa e atrevida, capaz de avançar através das selvas com a constância e a coragem dos grandes conquistadores? A ela, e somente a ela estava confiada a execução do plano. Não obstante, há quem duvide até mesmo da existência dos gigantes. Gigante era João Ramalho, e Matusalém português transportado para o Brasil; gigante era Tibiriçá, o cacique dominador das tribos do Planalto gigante, filha e esposa de gigante era Bartira, a Bárbara Eliodora indígena. Nda mais natural que a raça mameluca descendente da mestiçagem de brancos com índios fosse também uma raça de gigantes.

E curioso notar que a palavra **mameluco**, derivada do árabe **mamluk**, designou também os mestiços euro-egípcios que dominaram o Egito e foram derrotados por Napoleão na Batalha das Pirâmides. Mas a palavra brasileira é de origem indígena. Os descendentes de mamelucos e brancos são **curibocas** (do tupi: cariboca). Como na origem do mundo, na origem de São Paulo, que gerava um mundo novo, houve uma raça de gigantes. E foi essa raça que conquistou as terras virgens do continente atlântico, até à barreira dos Andes, para a formação geográfica do Brasil.

# CORPO E ALMA

## 4-Gigantes de B



Informa Mello Nóbrega:...a maior do nosso interior foi obra de mamelucos, notadamente paulistas. Cassiano Ricardo acentua o aspecto comunitário da Bandeira, que se constituía de brancos, índios, mamelucos e negros, estes últimos em menor número. Com o tempo, a raça mameluca se diluiu na curiboca e esta quase extinguiu na mistura com os brancos, em gerações sucessivas. Mas já então o socorro negro salvava o brasileiro da padronização branca, ardentemente desejada pelas elites de procedência européia. Mas acontece que o Brasil não podia perder o seu colorido racial. Como observou Mario de Andrade, antecipando a nossa tese da para historia, não se pode reduzir a História apenas aos dados objetivos. Há fatores imponderáveis que são determinantes e devem ser levados em conta.

Segundo Anchieta, o tráfico negreiro já nos havia dado, em 1583, uma população de 14 mil negros, da qual apenas mil se localizava no Rio de Janeiro. a maioria dos negros estava em Pernambuco e na Bahia, em serviço nos engenhos de açúcar. Mas Cassiano lembra que o primeiro engenho desse tipo, no Brasil, apareceu em São Vicente, e que Frei Gaspar do Salvador informa a criação imediata de transportes marítimos entre o Brasil e o Reino de Angola. Os negros angolanos traziam a contrição da sua constituição forte e estatura elevada para a raça de gigantes do Planalto. Estudando a função do negro na Bandeira, Cassiano assinala que lhe cabia a ação produtiva. O branco se incumbia da organização e da manutenção da estrutura do grupo. O negro era o minerador, incumbido de arrancar o minério descoberto nas águas ou no chão. Gilberto Freire acentua que o elemento predominante era o mameluco. A divisão do trabalho era feita na escala das cores raciais, mas não em função da cor e sim das habilidades naturais de cada grupo racial.

O Monumento das Bandeiras, do escultor Victor Brecheret, situado no Parque do Ibirapuera, representa uma vigorosa síntese da ação bandeirante. As quarenta figuras em granito, com cinco metros de altura, dão uma impressão estética e dinâmica da Raça de Gigantes. Mas convém lembrar que essa designação não corresponde apenas ao tipo físico dos mamelucos, mas também e principalmente ao papel de gigantes que desempenharam na epopéia das Bandeiras. Gigantes pelo porte não apenas físicos mas também moral, pela coragem e a firmeza demonstrada na expansão territorial do Brasil, as três raças: a branca, a indígena e a negra fundiram-se num só bloco de granito de Brecheret.

### NINHO DE AGUIAS

Os gigantes de botas Dias Pais, Borba Gato, os pela terra a dentro com o Portuguesa de Lisboa. Por pouco representava para a do mar não podiam escalar atacar o ninho de águias metros de altura. Nem havia massa de pedras, rochas e São Paulo das praias de São

Tão seguro estavam os de que muitas vezes deixava despovoada, para se meter moravam em casas cobertas paus e barro. Mas depois padres do Colégio e com vila, a utilizar-se de outros

Afonso Brás, de quem Serafim Leite, foi o construtor à vila. Chegou ao Brasil um dos fundadores de São ras casas para os índios, at gio. Graças a ele e aos seus tomar aspecto de cidade. Matuou uns vinte anos mais Gonçalves, em 1575, surgiu ro, especialista na fabricação coberturas de folhas de ar a ser substituídas por telha

São Paulo ensaiava os sem limites. Surgiam sob substituindo os casarões de possuíam casas na vila, enquanto os donos estavam

Nessa cidadezinha em meninos mamelucos, mulatgar e efetivamente descoberto serivam de meios de entre os pequenos aglomer barro e sapé que nasciam paulista, como no relato da separação ao elemento á difícil imaginarmos, na São de hoje, o clima social dess com certeza que a nova raço de educação ambivalente padres; de outro, o ensino filhos no uso da escopeta e Educação Bandeirante, a nossas Universidades, era ambivalente da Educação Henrique.

### POR VALES E RIOS

Os gigantes de botas de ta vezes sete por vales e r suas rudes barcaças, pen busca das riquezas da terra lhes seriam favoráveis. A fariam saltar nas margens munições, para continuar a Desceriam então aos vales entre rios paralelos. Os an o elementariado. Foi graç conseguiram ampliar as di estreitas do Brasil. Se é ver tiveram, como geralmente caminhos líricos dos cham por isso deixaram de segui vezes tiveram de afastar-s mas sabemos com certeza



# DE SÃO PAULO

## Botas de 7 Léguas

sete léguas, como Fernão Anhangueras, entravam em ou sem ordem da Corte a verdade é que Lisboa era a raça do Planalto. Forças dos paredões da Serra para o bandeirismo a oitocentos ou garganta na gigantesca montanhas virgens que separavam a cidade.

bandeirantes da sua liberdade a vila abandonada, em nos sertões. No começo de palhas e construídas de foram aprendendo, com os aventureiros que surgiam na materiais.

tem notícia pelo Padre que deu impulso renovado como padre, em 1550, foi paulista e construiu as primeiras construções para junto do Colégio de São Paulo a vila começou a crescer nesse aspecto só se acentuando tarde, quando Cristóvão da Silva veio a vila como o primeiro oleiro de telhas. Daí por diante as construções de sapé começaram

os futuros do seu progresso em termos de sólida construção, arquitetura e fazendeiros permaneciam fechadas em suas propriedades rurais. O desenvolvimento crescia nos rios e curibocas que iam alar o Brasil. Os rios do planalto, vias de ligações entre os ranchos e casas de distância da vila. A gênese da cidade, surgia do caos após o elemento líquido. É a vila gigantesca e trepidante pequena vila. Mas sabemos que era preparada num processo. De um lado, o ensino dos portugueses, que educavam os filhos nas virtudes de violência. A cidade não investigada pelas autoridades prolongamento terreno da Escola Náutica do Infante D.

sete léguas andariam setenta e sete dias. Desceriam pelo Tietê, em um rio na selva bravia em direção às águas nem sempre encachoeiradas os caminhos carregados de bagagens e a marcha das botas invasoras. Caminhando muitas vezes em pequenas embarcações navegantes enfrentavam a dificuldade de fazer com que as Bandeiras fossem até então demasiado pequenas e que os bandeirantes não pensassem, a facilidade dos rios de penetração, nem os rotários fluviais. Quantas vezes os vales, só Deus o sabe, e sempre o faziam para

contornar obstáculos insuperáveis e à espera da oportunidade de regresso. Os vales acolhedores os protegiam. E os seus fios d'água eram os fios de Ariadne à livrá-los de se perderem no labirinto das selvas.

Essa liberdade dos paulistas, essa independência quase absoluta, levou observadores estrangeiros, amigos ou inimigos, a considerarem a vila do Planalto como uma república independente. O próprio Governador Geral, Camara Coutinho, chegou a declarar em documento oficial: «A Vila de São Paulo há muito tempo que é uma República de per si, sem observância de lei nenhuma, assim humana como divina.» Um reconhecimento irreverente e injusto, pois as leis humanas dessa república, se não estavam escritas em nenhum código, estavam gravadas na tradição da nova raça e na consciência dos novos homens. E quanto às leis divinas, embora mal interpretadas e pouco observadas, emanavam do Colégio dos Jesuítas, em forma de preceitos que as criaturas piedosas observavam na medida do possível.

E o principal, que o governador não sabia nem percebia, era que a lei divina se revelava no carisma de uma situação privilegiada, de que os gigantes do novo mundo se valiam para implantar na Terra a primeira democracia racial do planeta. O estudo aprofundado dessa situação carismática de São Paulo, bem como de sua propagação a todo o Brasil através do fenômeno ímpar do bandeirismo, certamente revelaria a sua destinação paranormal, numa visão parahistórica do futuro do maciço continental brasileiro.

Não é patriotismo ingênuo e pretensioso que nos leva a essas conclusões otimistas, numa hora trágica do mundo, como a que estamos vivendo, mas a realidade concreta dos dados históricos, nos quais se devenda o segredo dos mitos que entretêm a lenda de um país em forma de coração, iluminado por uma cruz de estrelas. Por mais amarga que seja a situação do mundo, devemos lembrar que os signos do futuro estão marcados no corpo e na alma do nosso povo, bem como no chão e no céu da nossa terra, corpo e alma de São Paulo.

### INFLUÊNCIAS PSICOLÓGICAS

Os mitos nascem dos fatos reais. Da epopéia real das Bandeiras nasceu o mito do gigantismo paulista. Esse mito influenciou negativamente na alma de São Paulo, estimulado pelo seu espantoso surto de progresso, num país de imensas riquezas e maior pobreza. Dois episódios



históricos fundamentais se conjugaram para sustentar na alma paulista, sob o estímulo da expansão cafeeira e depois do surto industrial, o complexo do gigantismo: as Bandeiras e a Independência. O fenômeno não é exclusivo. Também em Pernambuco o mito da expulsão dos holandeses e no extremo sul o mito da guerra dos farrapos e da sustentação das fronteiras teve expansão semelhante.

Mas o gigantismo paulista firmou-se na História, a partir da instauração da República, apoiada em dois elementos sócio econômicos poderosos: o desenvolvimento econômico e a supremacia política. O PRP (Partido Republicano Paulista) e a Bolsa do Café foram os dois esteios do gigantismo psicológico, já que a raça dos gigantes desaparecera nos horizontes do século XVII. Mas dois fatores históricos desenvolviam-se subterraneamente no próprio chão paulista para num rápido intervalo de apenas três anos devolver São Paulo à realidade da sua posição nacional. Foram a quebra do Café em 1929 e a Revolução Constitucionalista de 1932.

A derrocada econômica dos fazendeiros e a derrota militar nas fronteiras prepararam o desastre político que nem mesmo a Revolução de 1930 conseguira consumir. Esses fatos negativos tornaram-se positivos por seus efeitos psicológicos e sociais. A democracia racial das Bandeiras impôs-se de novo em terras de Piratininga. E a compreensão da necessidade absoluta da unidade nacional devolveu aos paulistas o senso da realidade que o crescimento do mito quase apagara.

Hoje o mito da Raça de Gigantes aparece na alma de São Paulo como um estímulo para as grandes realizações, sem a ilusão da suto-suficiência que a imagem (também mítica) do ninho de águias fizera predominar. Os gigantes continuam vivos e atuantes na alma de São Paulo, mas agora na figura real do Bandeirante que construiu a grandeza e a unidade da pátria.

Ao mesmo tempo, a imagem da democracia racial da Bandeira permanece no espírito paulista como uma aspiração de liberdade e responsabilidade. Esses dois fatores se conjugavam naturalmente na Vila de São Paulo de Piratininga, pois cada cidadão se considerava no livre direito de participar das decisões importantes, que afetavam a toda a comunidade. Não se tratava de aspiração, mas de um sistema intrínseco da vida do planalto, onde a defesa da terra e da gente não dependia de forças exteriores, mas exclusivamente das possibilidades locais. O desenvolvimento da cidade e posteriormente o da metrópole modificaram essa situação. Mas a experiência da responsabilidade coletiva, marcando a alma do povo, transformou-se na aspiração democrática de São Paulo de hoje. Nem mesmo as modificações profundas da constituição racial, pela miscigenação variada, conseguiram diminuir na alma paulista a rejeição aos sistemas tirânicos, às imposições autoritárias. As excessões de pequenos grupos de individualismo extremista servem apenas para confirmar a regra.

No tocante ao gigantismo, a transferência psicológica do indivíduo para as suas realizações está evidente no gigantismo da cidade em sua permanente expansão, caracterizando-se notadamente no gigantismo dos edifícios, que rompem por toda parte os níveis provincianos do passado. Na São Paulo de outrora as casas apegavam-se ao chão, lembrando as velhas e rasteiras construções de taipa, que pareciam nascer da terra como as árvores. Gigantes eram os homens. O tempo inverteu a situação. Os homens voltaram às condições normais da espécie e os prédios se projetaram no céu, desafiando as nuvens.

Por outro lado, São Paulo continua, cada vez mais, a projetar a sua silhueta gigantesca em todas as direções do território nacional. É ainda e continuará a ser no futuro o paradigma do desenvolvimento nacional. Sua destinação carismática, já apreciada nos estudos anteriores desta série, é uma constante da vida nacional. Por isso, o seu gigantismo se justifica na sua própria função histórica de centro de expansão de um país gigantesco. O aequétipo do gigante na alma paulista (de origem genética) corresponde à própria grandeza da Nação Brasileira.

J. Herculano Pires

# O Grupo da Aliança

Compreende-se que pessoas incultas e ingênuas encontrem dificuldade para captar o sentido de uma doutrina complexa como a espírita. Mas é difícil explicar como e por que estranho motivo isso acontece também com pessoas cultas, dotadas de instrução superior. Kardec já notara isso no seu tempo e escreveu que era necessária uma condição especial de sensibilidade para compreender a doutrina.

O grupo da Aliança Espírita Evangélica, em São Paulo, constitui um exemplo chocante dessa situação. Reunem-se ali várias pessoas de inegável capacidade intelectual e formação superior, dedicadas ao Espiritismo. Não obstante, o que esse grupo vem fazendo, tanto nas práticas da instituição quanto nas publicações da Editora Aliança, revela absoluta falta de compreensão da natureza, da estrutura e da posição cultural do Espiritismo.

Ninguém ali compreende que a Doutrina Espírita representa um divisor de águas entre a cultura espiritualista do passado (tradicionalista, dedutiva e supersticiosa) e a nova cultura espiritual que surgiu com os ensinamentos de Jesus (revolucionária, indutiva e científica) que iria encontrar no Espiritismo a sua realização. E quem não compreende isso não tem condições para divulgar e ensinar Espiritismo.

Justamente por falta dessa condição, o que a Aliança Espírita Evangélica vem fazendo é semear joio na seara sob o prestígio de nomes que se impuseram em seus campos específicos de atividades profissionais e culturais, mas que não dispõem de condições para ensinar o que nem sequer perceberam nas atividades espíritas, ou seja, o que é o Espiritismo e o que ele representa no panorama cultural da atualidade.

Qualquer espírita estudioso e compreensivo, que examinar uma das publicações da Aliança, constatará imediatamente o que estamos afirmando. Essas publicações fazem lamentável mistura de Exoterismo, Teosofia, Judaísmo, Indianismo e religiões da mais remota antiguidade com a Doutrina Espírita. As teorias mais antigas e rebarbativas são apresentadas como elementos de iniciação espírita. E como as publicações são apresentadas em boa factura gráfica e excelente papel, sob a responsabilidade de nomes respeitáveis, os que desejam iniciar-se na doutrina aceitam o mistifício como verdade incontestada ou rejeitam o Espiritismo como a mais confusa e aberrante mistura de superstições de todos os tempos.

Como se já não bastasse o que nos vem do Rio de Janeiro, sob a chancela da Federação Espírita Brasileira, e o que várias «reencarnações de Kardec» andam semeando pelo Brasil e pelo Mundo, em nome do Espiritismo, temos agora o grupo da Aliança a fazer o pior. Se as coisas continuarem assim, o Espiritismo será asfixiado pelos próprios espíritas que, envaldecidos com seus supostos conhecimentos individuais, vidências e outros dons particulares, arquivarão a Codificação como os cristãos medievais arquivaram os Evangelhos.

A finalidade do Espiritismo não é criar novas ordens de místicos e fanáticos ou uma nova igreja cristã. Sua finalidade, como Kardec

expôs claramente, de maneira lógica, precisa, é restabelecer a verdade cristã em sua pureza primitiva e renovar a cultura terrena, transformando o nosso mundo num planeta superior, onde impere a razão esclarecida, a ciência verdadeira e não as superstições da antiguidade.

Não há nenhuma relação histórica direta entre o Espiritismo e as religiões indianas, egípcias, mesopotâmicas ou chinesas. E nenhuma dessas velhíssimas religiões tem nada que possa acrescentar ao Espiritismo. As únicas relações diretas do Espiritismo com as tradições religiosas dos povos antigos foram bem definidas por Kardec: a relação com o Cristianismo e com o Druidismo, religião dos celtas, nas Gálias. O próprio Judaísmo só indiretamente, através do Cristianismo, liga-se ao Espiritismo.

Apresentar o Espiritismo como herdeiro de práticas indianas e egípcias é falsear a realidade histórica. Introduzir conceitos e práticas de religiões arcaicas no Espiritismo é adular a doutrina, tirando-lhe as características de uma nova conceituação do homem, da vida e do mundo. Falar em reativação e abertura de «chacras», como adendos necessários do desenvolvimento mediúnico, é simplesmente contradizer os princípios básicos da evolução espírita, que é essencialmente natural e avessa às excitações artificiais, longa e abusivamente utilizadas no passado místico da humanidade. Essas excitações incentivaram nos povos orientais os desequilíbrios psíquicos e as pretensões vaidosas que os levaram à alienação dos problemas reais do homem e ao estado de apatia em que ainda hoje estariam vegetando, se o desenvolvimento científico do Ocidente não os obrigasse a avançar.

O Espiritismo em São Paulo começou a se deformar quando a negligência dos seus líderes permitiu a introdução de teorias anti-espíritas na própria Federação Espírita do Estado. A sólida tradição kardecista que vinha de Batura e Cairbar Schtel foi reduzida a frangalhos, chegando ao aviltamento do episódio da adulação. Os espíritas conscientes que ainda existem em nossa terra estão no indeclinável dever de repudiar essas deformações doutrinárias. Deixam de ser espíritas os que assim procedem e os que os aprovam e seguem. Espiritismo é doutrina e não mistura sincrética de retalhos antiquados ou inovações espúrias de pretensos reformadores.

A Aliança Espírita Evangélica é um centro de deformação doutrinária. No momento de crescimento decisivo do Espiritismo entre nós, quando mais necessitamos de estudos sérios, metódicos e aprofundados da Doutrina Espírita, é inacreditável o que o grupo da Aliança vem fazendo. Quem tem autoridade moral, espiritual e cultural para corrigir, emendar, reformar e acrescentar resíduos de um passado remoto à obra monumental de Jesus e Kardec, que ninguém até agora revelou conhecer suficientemente, entre nós e no mundo? Somos espíritas ou seguidores de velhas religiões orientais? Essa a pergunta que todo espírita sincero deve fazer a si mesmo neste momento.

# Sermão das Serpentes

Frei Guido de Catania

Eu queria pregar o meu sermão de cima do relógio demográfico de Chicago. Mas não foi possível e nem era conveniente. Eu queria falar a 4 bilhões de criaturas humanas, quando na verdade só devia falar às serpentes. Não conheço a língua ofídica, mas vejo tantas serpentes falando a língua humana que acho melhor falar nessa língua. As serpentes tradutoras silvarão para as outras o meu pensamento. Se Francisco, meu irmão, falou até para os peixes, que vivem em baixo d'água, falarei às serpentes que me ouvirão mais facilmente em suas tocas, barrancos e lagoas, pastos e cerrados.

Escutai, serpentes de todo o mundo, venenosas ou não! O vosso veneno não é só vosso, almas rastejantes, pois grande é o número de almas humanas almas bípedes, que deviam andar erectas e preferem rastejar entre os homens para inocular-lhes a sua peçonha. Se Deus o permite, é que isso é necessário, como necessário foi que a serpente-mãe falasse à Mãe Eva no Paraíso e a levasse a povoar o mundo de cobras e lagartos.

Vedes, ó serpentes, que poder tem o verbo, mesmo em forma de silvo. O relógio de Chicago acaba de anunciar que as gerações de Adão e Eva já se estendem sobre a terra de quatro bilhões de répteis! Nem a produção mecânica e seriada das fábricas de automóveis conseguiu tamanho sucesso. A Terra se transformou no maior serpentário do Infinito, pensai, pois, na vossa responsabilidade perante as constelações! Com a expansão da Astronáutica podeis em breve envenenar o Cosmos.

Eva estava nua no Paraíso e era pura como os anjos. Adão era o seu filho natural, nascido da fecundação dos raios solares. Pois é claro que Adão não podia ter nascido primeiro, a menos que não fosse homem. Todo homem nasce de mulher, isso é sabido. Então, está claro que primeiro foi Eva, dela nasceu Adão. E se quereis lembrar do país de Nod, para onde Caim foi expulso e onde se casou, logo perceberéis que o cronista bíblico se confundiu em suas anotações. Retifico esse relatório em honra da raça ofídica, povoadora da Terra. E se a mulher teve depois o direito de esmagar sob o calcanhar a cabeça das serpentes, isso foi por causa da delicadeza do calcanhar feminino, cuja pressão é carícia e não matança.

Eva estava nua e pura no Paraíso, tão solitária como a estrela d'alva no horizonte, antes do amanhecer. A serpente aproximou-se deslumbrada. Nunca vira formas tão perfeitas na Terra recém-criada, cheia de animais grosseiros e monstruosos. Eva era única. O Céu e a Terra se curvavam ante ela. Por isso o Céu é curvo e a Terra é redonda. O próprio Tempo é curvo porque quis imitar as curvas maravilhosas de Eva.

## ÉTICA

EQUIPAMENTOS CIENTÍFICOS S/A

Seja útil em qualquer lugar, mas não guarde a pretensão de agradar a todos. Não intente o que o próprio Cristo ainda não conseguiu.

Não julgue o próximo pelo guarda-roupa ou pela máscara. A verdade, como o Reino de Deus, não surge com aparências exteriores.

André Luiz.

Jabaquara, 55 — Sacomã — São Paulo

Assinaturas de  
MENSAGEM

12 números — Cr\$ 50,00

Rua Dr. Bacelar, 505  
04026 — São Paulo

Fone: 549-3053

Exemplar do mês ..... 5,00  
Atrasado ..... 6,00

# CHICO XAVIER: O HOMEM QUE RI

## Não há nenhuma relação entre Acunputura e Espiritismo?

A reporter Isabel Régis, nossa colega de tabloide AQUI, fez a última descoberta sobre Chico Xavier. Vejamos o que ela mesma publicou: «Sorri o tempo todo. A própria boca já tem um desenho ascendente, como se estivesse rindo sem rir. Essa verificação foi feita quando entrevistou Chico na clínica de acunputura a que ele comparece, toda terça-feira, em São Paulo, por recomendação do Dr. Bezerra de Menezes. Chico submete-se às agulhas da técnica chinesa para equilibrar a sua hipotensão, a pressão baixa que lhe diminui a disposição para o trabalho exaustivo a que se dedica em favor do próximo. A observação de Isabel é exata. Chico é o sorriso em pessoa. Um homem que ri por amor e bondade.

Mas a reporter se engana quando anota o seguinte: «O estranho é que, após 50 anos de mediunidade, Chico Xavier tenha confiado a sua saúde a uma clínica de tratamento chinês de 6 mil anos de idade, cuja concepção filosófica nada tem a ver com o Espiritismo.»

Essa observação implica, em primeiro lugar, um conceito errôneo de mediunidade. O fato de ser

médium não confere privilégio a ninguém. A mediunidade não é uma graça, mas tão somente uma faculdade humana natural. Todos somos médiuns. Mas o médium de serviço ou de missão é aquele que tem essa faculdade humana mais desenvolvida (como o senso estético no artista, a inteligência no gênio, a voz no cantor e assim por diante). Até mesmo o médium dotado de possibilidades curadoras não se cura a si mesmo (a não ser em casos raros) e tem, como o médico, de recorrer aos outros quando está doente.

Chico Xavier trata dos olhos desde jovem em clínicas médicas. Foi há poucos anos operado da próstata em São Paulo num hospital. Agora recorre à acunputura para controlar sua pressão baixa. Os espíritos o ajudam, não há dúvida, mas não podem interferir nas suas provas pessoais, como homem. Por outro lado, a finalidade do Espiritismo não é terapêutica.

As curas espíritas não são exclusivas da doutrina. São curas paranormais, que podem ocorrer tanto no meio espírita como fora dele. Essas curas decorrem da ação livre dos espíritos sobre os homens, independente

de qualquer condição filosófica ou religiosa. Como ensinou Kardec: «os espíritos são uma das forças da Natureza». Agem como os raios irradiados naturais ou as bactérias, produzindo curas onde e quando elas são possíveis. A ação dos espíritos não é sobrenatural, mas natural, pois todos nós somos espíritos.

### ACUPUNTURA

As relações da Acunputura com o Espiritismo são evidentes. Filosoficamente a velha técnica chinesa se fundamenta em princípios espirituais. As agulhas agem sobre centros psíquicos responsáveis pela harmonia orgânica. Esses centros correspondem à estrutura do corpo espiritual, que no Espiritismo se chama **perispírito** e nas recentes pesquisas soviéticas recebeu o nome de corpo bioplásmico ou energético. O equilíbrio do corpo material depende do equilíbrio desse corpo espiritual. Como as duas estruturas se ligam na formação psicossomática, pode-se agir sobre a estrutura psíquica através da material. As agulhas da acunputura correspondem à ação fluidica dos passes

espíritas. Preferir uma técnica ou outra depende de fatores psicossomáticos diversos. Se os espíritos recomendam a Chico Xavier as agulhas, é justo que ele as procure. Não há nisso nada a estranhar.

Chico Xavier disse certa vez ao médico que o assiste: «Quando o senhor está manobrando as suas agulhas, na verdade está operando sobre o meu perispírito.» Ao que o médico respondeu que agia apenas sobre o sistema nervoso.

É tudo uma questão de concepção pessoal. Cada qual vê o caso a seu modo. E como o Espiritismo não é exclusivista nem preconceituoso, não impede ninguém de fazer o que mais lhe convier, a presença de Chico Xavier numa clínica de acunputura não implica em nenhum ato doutrinariamente condenável ou suspeito. Isabel Reis anotou a desconfiança de Chico quanto às intenções dos repórteres. E ela mesma provou, sem querer, que Chico tem razão. O Espiritismo é ainda um grande desconhecido e os repórteres, em geral, o encaram imprópriamente, confundindo-o com as seitas religiosas dogmáticas e exclusivistas.

## Na órbita da Paraecologia

L. M. Abeliá  
(especial para Mensagem)

Fala-se, pensa-se e pronuncia-se sobre ecologia com a maior falta de dimensão, inclusive entre especialistas. Falta, de resto, comum e crônica à ciência em geral e à própria filosofia dos nossos dias. Falta que parte erradamente de táticos postulados antiespaço e antitempo, pelos falsos conceitos estáticos da unidade física, irrealmente limitada, ou inexistente. Conceito contraposto, não precisamente aos princípios de uma termodinâmica mutadora regente, senão aos de outra dinâmica metafísica mais fundamental que determina os valores convencionais de unidade, através da Relatividade, e que em ecologia poderíamos chamar de paraecologia.

Mas como é à ecologia, melhor dito, no seu nome, que armamos as atuais responsabilidades sobre os problemas, é também a seus militantes que perguntamos.

Que pode adiantar pretender restaurar a ordem em uma proliferação de efeitos, se não se restaura na causa?

Porém, ignorando observações tão sensatas, as águas, o ar, a terra, os animais, as plantas, clamam frente aos primeiros sintomas de asfixia por uma solução desesperada, dando a impressão de que, cada um destes elementos, através dos seus especialistas, vai responsabilizar os outros. O ar e a água vão culpar

a terra, a terra ao industrial, este ao consumidor, ao publicitário, etc, até transformar o assunto em um saco de gatos.

O incrivelmente espantoso, é tanta incoerência e infantilidade. Embora, em realidade, isso já não seja tão incrível para quem vem percebendo, há tempo, que tanta confusão mental procede do falso Pensamento Contemporâneo que adultera o sentido do Progresso.

Carrel já nos advertiu oportunamente. «Toda especialidade eminente é uma superioridade perigosa.» E que outro perigo nos envolve que não seja o de esta irresponsável superioridade que fomos monstruosamente especializando. Não é nela que está embarcado todo o unilateral desenvolvimento da nossa Civilização apocalíptica e suicida.

Vemos inaugurar-se por exemplo, um Congresso de Ecologia. Vemos sentados à solene mesa de debate-médicos, botânicos, agrônomos, arquitetos. E percebemos que só conseguimos iluminar muito bem seus respectivos ângulos, pois o centro da mesa fica na penumbra. E ainda, quando os especialistas doutores se levantam, os próprios ângulos voltam à obscuridade total.

E a obscuridade da Babel. A Babel dos nossos fragmentários conhecimentos. Conhecimentos que por ser tão fragmentários já são antiecológicos, porque os especialistas, com suas pontudas tesouras e obcecadas e incansantes micropinças, não conseguem

outra coisa que sobrecarregar e poluir nossa mente de inútil e complexa informação que só aumenta nossa confusão e nossa angústia, nos dando material especial de computador, para nos transformar em simples computadores, ou pior, em simples depósitos de informações.

Pois bem, as múltiplas mesas como esta, o cego pensamento contemporâneo tem confiado o destino da nossa Sociedade.

O que tem interessado mesmo à Civilização e a uma cultura viva os nomes, por exemplo, já de mais de 200 substâncias cancerígenas, jogadas no ar pelas indústrias? Ou ainda, o que se pode esperar do cientista que se fecha no laboratório na procura do remédio, se quando acredita tê-lo encontrado, terão aumentado as substâncias em número e em potência para causar doenças ainda mais terríveis? Pode ser mais evidente a irresponsabilidade deste Pensamento e a insensatez do nosso orgulhoso Progresso? Devemos perguntar então, é realmente para o cancer que precisamos o remédio, ou antes é para a estupidez? Ou será que estamos conformados em viver como ratos no esgoto, contanto que um aprendiz de bruxo nos garanta uma falsa e temporária imunidade no inferno? E se não estamos conformados, não falta muito, eu posso prognosticá-lo, porque nossa conivente degeneração física só pode testemunhar a mental e a moral.

só pode testemunhar a mental e a moral.

Pois bem, este é o fatal resultado da filosofia desintegrante e intranscendente do anêmico Pensamento Contemporâneo, confiado ao absolutismo de um brutal racionalismo mecanicista. Pensamento que afeta à medicina, à física, à biologia, a toda ciência viva, a

toda projeção social, caracterizada por um método analítico isolante, da falsa autonomia pretendida, e de asfixia resultante. Procedimento que já constitui, de origem, um atentado a equilíbrios fundamentais paraecológicos, para não dizer metafísicos, mas que chegam a configurar reais agressões e responsáveis Princípios Metafísicos.



Dra SUELY JACINTHO  
ODONTOPEDIATRIA

ODONTOPEDIATRIA

Rua Gravi, 193

Fone: 276-6146

São Paulo

Suely

# Cursos populares de Mensagem

## ESPIRITISMO

### I — Os Espíritos

O que são os Espíritos? Seres misteriosos e invisíveis, de natureza sobrenatural? Almas do Outro Mundo. Almas dos mortos que voltam do Purgatório ou do Inferno para nos atormentar? Santos e Anjos que nos protegem?

Nada disso. somos nós os Espíritos. Nós, criaturas humanas de carne e osso, que nascemos, vivemos e morremos, como todos os seres terrenos.

Nascemos num outro corpo material, mas não somos esse corpo. Somos seres espirituais dotados de um corpo espiritual que se chama perispírito. Esse corpo espiritual não está sujeito à morte. Quando morremos, ele se desprende do corpo material e nele continuamos a viver. Mas não nos transformamos em almas nem nos modificamos. Continuamos a ser o que éramos, bons ou maus, dignos ou indignos, levianos ou sérios, alegres os tristes, amáveis ou impertinentes, pacíficos ou agressivos.

Alma é aquilo que anima o corpo. Assim, o Espírito só é alma enquanto está encarnado, animando um corpo. Deixando o corpo, ele é apenas Espírito. O corpo espiritual (ou perispírito) como ensina o Apóstolo Paulo na I Epístola aos Coríntios, é o corpo da ressurreição. Foi nele que Jesus ressuscitou e é nele que todos nós ressuscitamos.

Esse corpo espiritual é constituído de energias materiais e espirituais. As energias materiais formam campo de força que sustentam e dão a ilusão de continuarmos nele. As energias espirituais são o pensamento, o

sentimento, a vontade, a percepção, tudo o que nos faz viver.

Pesquisas recentes de físicos e biólogos soviéticos, materialistas, provaram a existência do perispírito ou corpo espiritual e sua sobrevivência após a morte. Pesquisadores norte-americanos visitaram a Rússia e entrevistaram os cientistas russos que fizeram essa descoberta, a maior do século. Os russos deram ao corpo espiritual o nome de corpo-bioplásmico, por considerá-lo como o corpo da vida (bio) formado de um plasma físico feito de partículas atômicas livres. Não viram as partículas de energia espiritual mas constataram a sua presença no fato do corpo espiritual continuar vivo e emitindo pulsações biológicas.

(É bom ler os capítulos referentes a esses corpos no livro «Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro», de Scheila Ostrander e Lynn Schoedrer, já lançado em nossa língua pela Editora Cultrix, de São Paulo)

Por outro lado, as pesquisas parapsicológicas nos Estados Unidos, na Europa e na URSS confirmaram a existência do perispírito. Assim, na teoria espírita da natureza espiritual do homem, já provada há um século pela ciência Psíquica Inglesa e alemã, está agora recomprovada pela parapsicologia e pela Física e a Biologia. (Ver o livro «Parapsicologia Hoje e Amanhã», de J. H. Pires, Editora Edicel, São Paulo...)

Como vemos, os Espíritos não são sobrenaturais, mas naturais, fazem parte da natureza e estão ao alcance da pesquisa científica. É preciso ler e reler com atenção este primeiro capítulo do curso, para bem entender os seguintes.

## EDUCAÇÃO

### I — OS EDUCANDOS

Os educandos somos todos nós, criaturas humanas de todas idades e condições. Uma criança e um velho precisam igualmente educação. Um analfabeto e um doutor têm necessidade de educação. Há muitos doutores com vários diplomas que precisam mais do que certos moleques de rua. A educação é como o ar, ninguém pode viver sem ela. E por isso é permanente, todos nós estamos sempre sendo educados.

Confunde-se muito educação com boas maneiras, com instrução, com gentileza, com bondade, com habilidade social e até mesmo com comunicabilidade. Todas essas coisas são elementos da educação, mas não são educação. Porque educação é o conjunto de tudo isso e ainda mais.

O que é então a Educação (assim, com inicial maiúscula) como ciência ou arte, como disciplina cultural? A melhor, entre todas as definições, é ainda a do filósofo alemão Emmanuel Kant, que podemos resumir assim: é a realização, na criatura humana, de toda a perfeição possível. Todos nós trazemos um certo grau de perfectibilidade. Essa palavra quer dizer **possibilidade de perfeição**. A Educação tem por fim desenvolver em cada um de nós toda essa possibilidade de maneira harmoniosa, em conjunto.

Note-se bem isto: a Educação não pode nos transformar em criaturas perfeitas, mas deve levar-nos a atingir o grau de perfeição de que somos capazes. Vemos assim que o problema da educação pessoal é nosso — de cada um de nós — o que aumenta a nossa responsabilidade no tocante à educação comunitária. Somos todos responsáveis pelo nível de educação da comunidade a que pertencemos.

Por que somos responsáveis?

Porque a educação é essencialmente o produto do relacionamento humano. Duas pessoas que vivessem num lugar isolado desenvolveriam entre elas um processo de educação recíproca. Uma influi sobre a outra, modificando-lhe o comportamento. Num meio social amplo as influências recíprocas se verificam de duas maneiras principais: através do grupo de relações mais íntimas e através dos fatos marcantes do meio social geral. Nesses dois campos a nossa participação é inevitável. Conforme a maneira por que nos portarmos em nossas relações com os outros, estaremos educando ou deseducando os outros. Essa é a nossa responsabilidade educacional.

A educação nasce da relação com os outros. Não é um artifício, uma coisa inventada pelos homens, mas, uma realidade natural, determinada pela própria vida.

Somos todos educandos e educadores. E isso durante toda a vida. A educação social começa no lar, é a chamada Educação Familiar. Mas prossegue na escola — **miniatura da sociedade** — onde as relações familiares se desenvolvem e se ampliam, preparando a criança para o meio social. As formas de educação escolar, desde as pré-primárias até às universitárias, são mais eficientes quanto mais próximas se mostram dos meios naturais da família e do meio social.

A Educação Natural não é a que se processa no seio da Natureza, como geralmente se pensa, mas a que segue as leis naturais do processo educativo. Essas leis naturais decorrem da natureza humana. Quando Rousseau propôs a volta à natureza na Educação, referia-se à necessidade de superar-se o formalismo artificial da educação antiga, que artificializava o homem.

## PARAPSIKOLOGIA

### I — OS PARANORMAIS

As pessoas que não vivem limitadas pelos sentidos físicos — os cinco sentidos orgânicos — foram sempre consideradas como criaturas estranhas, dotadas de poderes mágicos. Nas religiões mitológicas eram tratadas como privilegiadas dos deuses. No judaísmo eram profetas ou endemoniadas. No Cristianismo receberam esse mesmo tratamento. Na ciência foram consideradas como anormais e na medicina moderna como patológicas, portadoras de desequilíbrios mentais, psíquicos ou até mesmo orgânicos. Na Idade Média acabavam geralmente afogadas como bruxas ou queimadas como hereges.

No século passado o espiritismo se opôs a tudo isso e classificou-as como médiuns, criaturas dotadas de uma sensibilidade capaz de perceber além dos limites dos sentidos comuns e de permitir-lhes a comunicação com seres invisíveis. A ciência e a religião se opuseram violentamente a essa interpretação, mas pouco a pouco

os fatos foram abrindo algumas brechas nessa resistência. Dos fins do século passado aos princípios do nosso século, grandes e famosos cientistas resolveram enfrentar o problema. Surgiram as pesquisas notáveis dos físicos ingleses e alemães, como William Crookes e Frederic Zöller, e o mais famoso fisiologista da época, Charles Richet, Prêmio Nobel da sua especialidade, fundou em Paris a Metapsíquica, uma ciência terrivelmente audaciosa.

A poderosa barreira erguida pela ciência e pela religião contra as pesquisas espíritas foi rompida. Frederic Myers, psicólogo inglês, criou a palavra **Parapsicologia** e com ela designou cientificamente as pesquisas dos fenômenos paranormais. Os fenômenos mediúnicos tornaram-se objeto de pesquisas científicas como paranormais. A importância desse fato é enorme, porque a palavra **paranormal** quer dizer simplesmente: **paralelo ao normal**, como Parapsicologia quer

dizer: paralelo à psicologia. Richet já havia declarado que os fenômenos mediúnicos eram **inabituais**. Explicava que ao lado dos fenômenos comuns do nosso psiquismo existe uma faixa de fenômenos incomuns, não habituais, mas que não são anormais, nem patológicos e nem de ordem divina ou demoníaca.

Em 1935 Richet morreu, depois de haver publicado vários livros sobre o assunto e o famoso **Tratado de Metapsíquica**. Diversos cientistas continuaram a obra de Richet. Mas cinco anos antes disso, em 1930, o psicólogo inglês William McDougal e o professor norte-americano Joseph Banks Rhine haviam fundado na Universidade de Duke, dos Estados Unidos, a Parapsicologia moderna. E reiniciavam a pesquisa dos fenômenos paranormais com os novos recursos das ciências atuais.

A Parapsicologia, portanto, é a ciência do paranormal e pertence ao campo das ciências psicológicas. Sua finalidade, segundo os

seus fundadores, é conquistar a área do paranormal para a Psicologia, que se limitou, no seu desenvolvimento, à área dos fenômenos psíquicos normais ou habituais.

Diante do êxito das pesquisas parapsicológicas, em todo o mundo, desaparece o preconceito religioso e científico contra os **paranormais, os indivíduos dotados de percepção extrasensorial**. A própria palavra **médium**, a princípio rejeitada pelos parapsicólogos, é hoje adotada até mesmo nas publicações parapsicológicas da URSS. Por outro lado, o avanço da física no campo da antimatéria trouxe enorme reforço às conquistas da Parapsicologia na área do extrafísico.

**ATENÇÃO** — Os interessados nos cursos populares de MENSAGEM podem endereçar perguntas ao jornal, mas devem enviar as perguntas em envelopes separados para cada curso. As respostas serão dadas pelo jornal, nas condições seguintes.

# mens (a) gens

Max Lunan

**Vou me poupando sem caderneta. Não há sobra para depósitos. Uns poupam o custo de vida, outros poupam a vida. Eu me poupo.**

Não se preocupe com a desvalorização da moeda. Ela é como a mulher. Por mais que se desvalorize, sempre tem a sua cotação.

Cada qual sabe onde lhe aperta o calo, mas não sabe onde canta o galo.

Era tão contrário às mulheres de cor que nunca se casou. Não conseguiu encontrar a mulher incolor.

Se alguém te bate numa face, volve-lhes as costas e dá no pé.

Todo humorista é um moralista frustrado. Todos riem dele.

## Humor Espírita

Tinha tanta pressa de reencarnar que nasceu neto de si mesmo.

Não acreditava na reencarnação. Quando lhe disseram que precisava voltar à Terra, perguntou onde era a estação do metrô.

A morte para ele era o fim. Quando se sentiu vivo, bem vestido, com grava-

ta e óculos, do lado de lá, perguntou aos espíritos que o recebiam: Que brincadeira foi essa?

O Guia levou o jovem paquerador para a sua primeira comunicação mediúnica. Apontou-lhe uma velha senhora: Tome essa médium. Ele correu os olhos pela mesa e perguntou: Não pode ser aquela garota?

Aristeu reclamava: Tanto trabalho para reencarnar e morri ao nascer. O Guia explicou: Você passou a vida fazendo anjos. Pegou o costume.

Dizia ter sido Chefe de Estado em encarnação anterior. O Guia perguntou: Mas em que estado ficou esse Estado?

Ao chegar no Além, disse o velho mestre: Cumpri inteiramente a minha missão. Corrigi e ampliei a obra de

Kardec. Respondeu o Guia: Vai agora voltar para repor tudo no lugar.

Quem se lembra de que foi rei está reinando no que não deve.

Irmão Daniel para Alexandre: Você vai reencarnar como filho de Téo. — Alexandre: Só se ele não souber quem sou.

## O Planeta dos Malucos

Um disco-voador tentou descer na cancha de futebol da cidadezinha de Jurema, em Pernambuco. Não cabia na cancha e bateu em retirada. 1 a 0 para o time local.

— O nome desse homem está errado — disse o tradutor de português na ONU. Idi-Amin não dá certo. Temos de traduzir: Vinde a Mim ou Ide a Eles.

O mestre: A Terra tem movimentos de translação, rotação e trepidação. — O discípulo: É por isso que nada dá certo!

Isabelita: As mulheres vão dominar o mundo! — Juan Lopez: — Mas cada uma com o seu Peron.

Cientista maluco: Os macacos vão dominar a Terra. — Um ouvinte: Essa raça já degenerou em homem, Perca a esperança!

## Poesia novíssima

**CORAÇÃO**  
Coro Oração  
Rainha Coroa  
Cara ou Coroa  
Boa

## POEMA LUNAR

Lua Luar  
Raio lunar  
que parta  
a Lua

## AMOR

Morro de amor  
a mór de que  
amor me morde  
amor

## CRÍTICA NOVÍSSIMA:

Poema é isso, feito chouriço, sem enguiço. Palavra é palavra. Vale por si, diz por si, pergunta e responde, se mostra e se esconde. Não é xarada, não. É poema-pão, alimento, alimento e pão.

A cultura atual não tem preconceito nem conceito. Não se deve dizer nada e ao mesmo tempo dizer tudo. Uma palavra diz tanta coisa que não precisa de mais palavras para dizer mais. Temos de comer a palavra mastigando, quebrando a palavra nos dentes. Para fazer poesia e entender poesia precisa técnica de mastigação. Mastigar, essa a questão e quem puder ruminar é o bom.

## A festa dos jornalistas dos anos na encruzilhada

Audálio Dantas convocou os veteranos para um encontro no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, que fez 39 anos no dia 15 de abril. Foi um encontro de velhos lutadores, um encontro de amigos, uma confraternização e ao mesmo tempo uma festa de

saudade, em que se misturavam alegrias e tristezas, lágrimas e sorrisos.

Foi tudo muito simples. A solenidade de entrega de diplomas aos que faziam 40 anos de atividades profissionais, a presença dos ex-presidentes e dos sócios fundadores, a evocação dos

tempos idos na palavra dos veteranos, testemunhas e partícipes da longa e perigosa marcha em que muitos tombaram, vítimas da exaustão no anonimato das madrugadas ou vítimas de ferocidade dos que não respeitavam os direitos humanos, a dignidade da criatura pensante em que a imagem de Deus se reflete.

Nada de alardes, de estardalhaço, de discursos bombásticos, de exaltação dos heróis que tombaram, muitas vezes em toaias brutais, desde Badaró aos nossos dias. Depois das evocações sentimentais ao microfone, o encontro mais íntimo em torno às mesinhas do coquetel com salgadinhos, a troca de informações sobre a situação atual de velhos colegas sobreviventes de batalhas e catástrofes.

A classe considerada como a mais bisbilhoteira do mundo mostrava-se engolfada em si mesma, como que aturdida com tantas sobrevivências gloriosas na encruzilhada dos anos em que o Sindicato se tornava quarentão. Certos nomes e fatos, numa espécie de convenção tácita, eram evitados. Há zonas minadas no campo santo das recordações, ocorrências dolorosas e tão revoltantes que permanecem ocultas, submersas numa cripta sagrada. Tocá-las, em certos momentos, seria profaná-las.

MENSAGEM esteve presente e seu último número foi distribuído. Sua luta humilde e difícil pela humanização do homem coincidia com os anseios dos remanescentes de quatro décadas amargas e gloriosas. Os focas e os novos certamente puderam sentir em suas páginas a esperança de novos tempos.



Muita gente nova entre veteranos

## VÁ DIRETO À EDICEL

Não perca o seu tempo

### Novos Lançamentos:

**Agonia das Religiões**  
J. Herculano Pires  
Um impacto atualizador na sua visão espiritual

**Iniciação Espírita**  
Allan Kardec  
(3 livros em 1)  
O pensamento vivo do Mestre.

**Princípios da Sociologia Geral**  
Salim Sedeh.  
Indispensável ao homem atual.

**Benzoquinha**  
Maria Tereza Guimarães Noronha  
(Infantil com ilustrações a cores)  
Ensina, diverte, orienta, estimula.

**Edicel**  
Rua Genebra, 122  
Fones: 36-2273 e 285-5658  
CEP 01316 - Bela Vista - S.Paulo  
(Crédiário e Reembolso Postal)

**ASPAG**  
A SAO PAULO ARTES GRAFICAS LTDA.

Executamos sob encomendas:  
Revistas, Catálogos, Folhetos, Cartazes,  
Folhinhas, Embalagens em Cartões  
Micro Ondulados e Demais Impressos  
em Off-Set  
Impressos Comerciais em Sistema Jato,  
Leitura Ótica e Demais Impressos de  
Segurança  
Impressos em Geral em Sistema  
Tipográfico

«IMPRESSÃO QUE  
IMPRESSIONA»

Consulte-nos sem compromisso  
AV. BOSQUE DA SAUDE, 2031-53  
TELEFONE: 63-7704 e 63-7706

## “A VIAGEM”

# O povo quer mais do que novelas

O sucesso nacional da novela «A Viagem», de Ivani Ribeiro, mostrou que o povo quer mais do que simples novelas, do que entretenimentos na televisão. Não obstante a insistência do IBOP em manter outra novela em primeiro lugar, a verdade é que a primazia de «A Viagem» se tornou evidente. Por toda parte e no Brasil inteiro essa novela era e continua a ser o assunto de conversas e discussões, provocando ao mesmo tempo interesse, admiração, suspense, irritações e protestos. O Brasil foi sacudido pela novela «A Viagem» e milhares de pessoas foram arrancadas de um comodismo negativo para uma tomada de posição decisiva em suas vidas. Nas instituições espíritas foi enorme a afluência de pessoas interessadas em tomar conhecimento direto do assunto principal da novela: o problema da morte e da ressurreição.

Certos órgãos da imprensa profana fizeram tudo para esconder dos seus leitores o sucesso nacional da novela e relegá-la a segundo plano através de críticas depreciativas. Tudo em vão. Nem mesmo as repetições de capítulos pela TV TUPI e as deficiências inegáveis da produção de tv da emissora, elementos capazes de matar o mais vivo interesse do povo, conseguiram diminuir o vivo interesse popular, que não desfaleceu em momento algum.

Certo órgão da imprensa espírita, que Jorge Rizzini classificou justamente de «aberração», chegou a publicar uma crítica à novela e uma acusação mentirosa à autora, que estaria «adulterando uma obra de Chico Xavier». Logo mais, verificando o papelão que praticara, passou a exaltar a novela e a autora, servindo-se inclusive de um plágio da manchete de mensagem sobre a novela, sem o menor respeito pela ética jornalística.

Tudo isso revela o impacto que a novela «A Viagem» representou em nossa televisão, até aquele momento perdida numa rotina cansativa de novelas sem nenhuma mensagem para o povo.

### O LIVRO «A VIAGEM»

Um livro de Chico Xavier, por ele psicografado, «E a Vida Continua», erroneamente apontado como base da novela, teve sua edição rapidamente esgotada em todo o país. Livrarias especializadas ou não viram-se às voltas com a procura dessa obra, que inutilmente solicitava à editora.

Os leitores se desiludiam ao ver que o enredo não era o da novela, mas não deixavam de mergulhar na leitura, pois o tema espírita os fascinava. O enredo psicográfico, bastante diferente, de certa maneira complementava e ampliava as informações dadas pela novela através da representação artística.

A Editora Edicel, de São Paulo, tentou obter de Ivani Ribeiro os direitos de lançamento da novela

em livro. Mas a Editora Bels, de Porto Alegre, já se havia adiantado e obtido os direitos. Não era fácil transferir para um livro aquela novela extremamente viva, realista, de enredo complexo, distribuído em nada menos de 140 capítulos. Incumbiu-se desse trabalho o assessor doutrinário da novela, o escritor J. Herculanopires, que sob pressão da Editora e interessado na divulgação da obra, realizou a tarefa em apenas dez dias — ou melhor, dez dias, dez noites e dez madrugadas de exaustivo trabalho. Tanto mais exaustivo quanto ele tinha de unir a pressa à precisão e boa forma literária do texto.

A distribuidora da Abril Cultural incumbiu-se de realizar outra façanha: distribuir rapidamente o livro a todo o Brasil, para venda nas bancas de jornais e revistas. Tudo foi feito em ritmo acelerado. A gráfica responsável pela factura da edição teve de funcionar em horas extras. O povo reclamava o livro, no maior interesse pelo exame dos problemas da novela num texto que pudesse ler e reler. Não é possível maior demonstração do interesse popular, em todo o País, por essa novela.

### A REBELDIA DE TÉO

Telespectadores mal informados estranharam a insistência da perseguição de Alexandre sobre Téó. Quem conhece um pouco de Espiritismo sabe que há casos de obsessão tremendamente persistentes. Porque a obsessão depende das ligações do obsessivo com a vítima. Tanto o dr. Alberto quanto Irmão Daniel explicaram várias vezes que a ligação de Alexandre com Téó vinha de longe e era bastante intensa. Casos terríveis haviam ocorrido entre eles, tendo sido Alexandre uma vítima indefesa. Além desses motivos kármicos havia motivos recentes que, por si sós, justificariam a insistência. Por exemplo,

a rebeldia vaidosa de Téó, que mesmo quando Alberto ganhou a partida ainda o provou com atitude irônica, dizendo-lhe: «E bom ser místico, não é, dr. Alberto? A gente explica tudo!» Alberto, como bom espírita, não se irritou e nem mesmo respondeu. Téó se mostrava endurecido, vaidoso e ingrato. Razões suficientes para facilitar a persistência de uma obsessão por toda uma vida.

Outro motivo recente era Lisa. Téó, casado com Diná, tomara a namorada de Alexandre enquanto este se encontrava na prisão. Alexandre só ia saber disso da morte. Ele, que já não gostava de Téó, pelos motivos anteriores, enfureceu-se de uma vez contra o rapaz. Lisa era a única esperança de Alexandre, a moça que ele adorava e que o havia ajudado a fugir da cadeia com extrema dedicação. Era natural que Alexandre ligasse inconscientemente os motivos do passado com esses motivos recentes e não pudesse perdoar Téó. Mas as presença de Patricinha comovia Alexandre e evitava a sua atuação sobre Téó. Essa ligação afetiva com a sobrinha era uma das brechas da couraça de ódio do obsessivo, de que os espíritos se serviram para tocar-lhe o coração e levá-lo ao arrependimento.

Mais uma vez se positivava que a maior contra o ódio é o amor.

### O CIUME DE DINÁ

Outra coisa que causou estranheza a muita gente foi persistência do ciúme doentio de Diná além da morte. Essa estranheza provém de falta de conhecimento do Espiritismo. As paixões humanas condicionam o espírito a reações negativas que perduram por muito tempo. Diná não podia livrar-se do seu condicionamento ao ciúme, aquele ciúme neurótico que a levava a todos os extremos.



Eva Wilma

A literatura espírita mundial e os anais das Sociedades de Pesquisas, Psíquicas do mundo estão cheios de casos dessa natureza. Mesmo na literatura não-espírita aparecem com frequência casos de perseguição de espíritos ciumentos contra os cônjuges que deixam na Terra e que tornaram a casar-se. Diná havia sido materialista, não acreditava nem mesmo na existência de Deus. Era natural que continuasse presa às paixões humanas que marca-

ram a sua personalidade na vida terrena. Por isso Mariana se referia com frequência ao autoritarismo de Diná, que continuava a existir pelo simples fato de deixar o corpo carnal. A morte não é mais do que uma transferência de plano. Saimos do plano terreno, de matéria densa, para o plano espiritual de matéria rarefeita. Mas somos nós mesmos, com os nossos defeitos e as nossas virtudes. Só a evolução nos modifica, através do tempo.

Editora Paidéia anuncia:

o livro do momento

## AGONIA DAS RELIGIÕES

Estudo da crise religiosa da atualidade, remontando às suas causas longínquas, analisando a situação presente e prenunciando os rumos do pensamento religioso na Era Cósmica. Ensaio original e único, de bases científicas e orientação filosófica, provocado por um debate de televisão. O mais recente trabalho do Prof. J. Herculanopires.

Distribuído pela IBREX às principais livrarias do País.

Preço 25 cruzeiros. Pedido pelo reembolso postal à

EDITORA PAIDÉIA

Rua Dr. Bacelar, 505 (CEP 04026) São Paulo, Brasil.

# A Creche da Lua

Existe alguma creche na Lua? Sabemos que existem crateras, misteriosas crateras, numa das quais um tratorzinho russo encaixou. Mas sabemos também que a Creche da Lua vai ser construída em Vila Clementino, pelo Grupo Espírita Cairbar Schutel. O nome foi dado por um poema, lido pelo artista de TV Wilson Fragoso, no primeiro show realizado pelo Departamento Assistencial daquela instituição. O poema comparava a creche a um pequeno trem correndo no céu para pegar as crianças nas estrelas e lavá-las à Lua. O trenzinho corria fazendo creche-creche, creche-creche, creche. Todos gostaram da imagem e o nome pegou.

O segundo show foi feito dia 25 de Abril último, na Mansão Buffet Humberto, em homenagem ao elenco da novela « A Viagem », e contou com a

presença de Ivani Ribeiro, Eva Wilma, Rildo Gonçalves, Carmem Marinho, Carlos Zara, Lolita Rodrigues, Irene Ravache, Lucia Lambertini e muitos astros e muitas estrelas, tantos que só um astrônomo poderia dar todos os nomes.

Dia 30 houve a tarde de autógrafos do livro « A Viagem », a que compareceu Altair Lima, o galã da novela, que na noite do show estava viajando para « Nosso Lar » (só de turista). Os direitos autorais dos volumes vendidos nessa tarde reverteram em favor da creche, por iniciativa de Eva Wilma e Ivani. A Livraria Boa Nova, da rua Aurora, enviou ao Grupo o cheque desses direitos, no montante de 666 cruzeiros. (Só os direitos dos autores e dos artistas.)

A Creche da Lua já dispõe de um apartamento luxuoso na

Praia Grande (doação do Sr. Euclides de Castro Filho, no valor de 170 a 200 mil cruzeiros, para ser vendido) e de cerca de 150 mil cruzeiros em caixa. Falta só o terreno para se dar começo às obras. Não haverá entre os nossos leitores um poeta, amante da Lua, que queira oferecer esse chão de estrelas para a Creche?

Adilson Godoy e Silvia Maria fizeram o show, o Buffet Humberto funcionou em ritmo da era cósmica e a Etoil Boutique fez um desfile estelar de modas femininas e masculinas.

Não se sabia o que mais admirar, se os modelos exibidos ou a graça e a beleza das manequins. E nesse passo que a creche vem vindo, gente! A Creche da Lua com seu creche-creche-creche, como um trenzinho celeste da bondade humana. Vamos empurra-lo?



Rildo Gonçalves, Carmem Marinho e Wilson Fragoso

## GRUPO ESPÍRITA CAIRBAR SCHUTEL

Rua Dr. Bacelar, 505 — CEP 04026 — SÃO PAULO

### Demonstração da Receita e Despesas do Exercício de 1973

Donativos	12.241,64	22.244,80
Despesas de beneficência	10.003,16	
	<u>22.244,80</u>	<u>22.244,80</u>

### BALANÇO DO EXERCÍCIO DE 1973

<b>ATIVO DISPONÍVEL</b>		
Caixa	10.003,16	
<b>PASSIVO NÃO EXIGÍVEL</b>		
Patrimônio		10.003,16
	<u>10.113,16</u>	<u>10.113,16</u>

### DEMONSTRAÇÃO DA RECEITA E DESPESAS DO EXERCÍCIO DE 1974

Donativos		19.849,33
Mensalidades		11.120,00
Despesas de beneficência	14.694,07	
Despesas de expediente	563,00	
Saldo a patrimônio	15.712,06	
	<u>30.969,33</u>	<u>30.969,33</u>

### BALANÇO DO EXERCÍCIO DE 1974

<b>ATIVO DISPONÍVEL</b>		
Caixa	22.465,22	
<b>ATIVO PENDENTE</b>		
Serviço Impressão Jornal	3.250,00	
<b>PASSIVO NÃO EXIGÍVEL</b>		
Patrimônio		25.715,22
	<u>25.715,22</u>	<u>25.715,22</u>

### DEMONSTRAÇÃO DA RECEITA E DESPESAS DO EXERCÍCIO DE 1975

<b>RECEITA SOCIAL</b>			
Mensalidades	15.235,00		
Donativos	5.450,00		
Receitas Assist. Social	71.047,00	01.732,00	
<b>DESPESAS SOCIAIS</b>			
Desp. de Expediente	2.606,00		
Desp. de Beneficência	15.976,55	18.582,55	73.149,45
<b>RECEITA JORNAL</b>			
Assinaturas			
Anúncios Cr\$ 73.136,70			
Vendas			
<b>DESPESAS DE JORNAL/LIVROS</b>			
Serviços de impressão	44.305,00		
Despesas Gerais	4.392,85		
Compra de livros	2.153,20	50.851,05	
Serviço de impr. 1974	3.250,00		
Serviço de impr. a pagar 76	11.000,00	14.250,00	8.035,65
Saldo do exercício			<u>81.185,10</u>

### BALANÇO DO EXERCÍCIO DE 1975

Caixa	5.011,80	
Bancos	112.888,52	
Contas a pagar		11.000,00
<b>PATRIMÔNIO</b>		
Saldo de 1974	25.715,22	
Saldo de exerc.	81.185,10	106.900,00
	<u>117.900,32</u>	<u>117.900,32</u>

# mensagem

## JORNAL DE CULTURA

Edição: G.E. Cairbar Schutel

Diretor: J. Herculano Pires

Secretário de Redação: Jurandyr Gomes da Silva

Redação: COLEGIADA (COPY-DESK)

Diagramação: Jurandyr Gomes da Silva

Administração: A.C. Molina, Antonio Terenzo

### DISTRIBUIÇÃO

Abril S.A. — Cultural e Industrial  
Rua Emílio Goeldi, nº 575 - SP  
C.G.C. 60598 - 0597 - 0001/58  
Inscrição - 102802294  
Fone: 262-7977

### TIRAGEM

85.000 exemplares

Redação — São Paulo, rua Dr. Bacelar, nº 505 - Vila Clementino 8 CEP 04026 - fone: 549-3053

Composto e impresso nas oficinas dos Diários Associados de São Paulo, à rua 7 de Abril, nº 230 - SP

Assinaturas individuais para 12 exemplares ... Cr\$ 35,00

Assinaturas grupais para instituições culturais, de 20, 30, 50 ou mais exemplares, remetidas pelo reembolso postal desconto de 20% por exemplar.

Exemplar do mês ... Cr\$ 3,00  
Exemplar atrasado ... Cr\$ 4,00

# ARROCHO TOTALITÁRIO NO MUNDO

## Denúncia de Revel provoca celeuma na França

Robert Henri Fourcade  
Paris, maio de 76  
(Para Mensagem)

Jean-François Revel, autor do famoso livro «Nem Marx nem Jesus» levanta nova celeuma na França com o lançamento de seu novo ensaio «A Tentação Totalitária». A revista semanal «L'Express» dedicou o seu último número, de 18 do corrente, à publicação de uma síntese do livro e abriu suas páginas ao livre debate do assunto. A tiragem da revista, de distribuição mundial é de um milhão de exemplares. A crítica de Revel é ferina e volta-se quase toda contra a expansão do marxismo e a contribuição das esquerdas para a sua vitória.

Revel alega que a URSS e as Repúblicas Populares já conquistaram mais de metade do planeta, aniquilando as liberdades democráticas em nome das exigências de justiça social. Acusa os marxistas de manobramentos com as esquerdas, particularmente com os socialistas, como inocentes úteis que logo após as vitórias marxistas são simplesmente sacrificados. Afirma que por toda parte os políticos liberais se deixam levar pela tentação totalitária, sem perceber que estão colaborando para a implantação do totalitarismo estalinista em todo o planeta. Sustenta que o estalinismo é a própria essência do comunismo, razão por que as campanhas contra ele fracassaram na URSS.

Uma das teses mais discutidas de Revel é a de que os marxistas confundem Estado e Nação, englobando ambos num conceito único, de que resulta o esmagamento de liberdade humana e da Nação em benefício da economia estatal. A subordinação total do homem à economia, em nome de um humanismo objetivo, aniquila os conceitos de liberdade duramente conquistados no mundo e restabelece a escravidão antiga na sua expressão humilhante, nos campos de trabalhos forçados.

Mas a reação de Revel, que coincide com a do escritor inglês Robert Moss, curiosamente acaba caindo na tentação totalitária, quando o autor propõe medidas coercitivas dos regimes democráticos «ainda existentes», com a supressão das liberdades fundamentais para todos os agrupamentos políticos de esquerda. Segundo ele, a liberdade democrática deve restringir-se unicamente aos que desejam preservá-la a que, para isso, devem usar os mesmos métodos dos adversários.

### CÍRCULO VICIOSO

Apesar do alarde feito por «L'Express», nem o livro inglês de Moss nem o livro francês de Revel têm condições para modificar coisa alguma no panorama político contemporâneo. Ao invés de proporem uma posição nova ante o problema, ambos dão apenas um novo impulso ao círculo vicioso arrocho... dos desentendimentos atuais entre os dois mundos. Aumentar a pressão contra as atividades públicas das esquerdas é levá-las a mergulhar na clandestinidade, onde passam à condição de injustiçados e encontram melhor clima para aumentar no mundo a tentação totalitária. Revel condena também as direitas, evocando o Nazismo e o Fascismo, que levaram o mundo ao horror. Da dialética dessas duas posições totalitárias não consegue extrair nenhuma síntese válida. O livro vale mais pelo título, realmente feliz, do qual Revel poderia destilar várias consequen-

cias, mostrando a facilidade com que os políticos democráticos tomam atitudes totalitárias, em contradição flagrante com os princípios que defendem. Revel, pelo contrário, instiga as democracias a caírem na tentação denunciada.

### CONTRA O CRISTIANISMO

A argúcia francesa de Revel mostra-se também prejudicada pela tentação que denuncia, ao rejeitar ao mesmo tempo, como fez no seu livro anterior, Marx e Jesus. O autor confundiu humana, com as subdoutrinas dele derivadas e, estas sim, tipicamente estruturadas em forma totalitária. Os livros políticos são de grande importância na França, assinala «L'Express», e geralmente pesam de maneira definitiva na orientação da política nacional. Esse é um dos sintomas do arejamento do espírito francês e de sua posição eminentemente cultural. Não há dúvida a respeito, mas quando os livros políticos oferecem contribuições significativas para a busca de novas soluções políticas. Revel traça um panorama angustioso do avanço do totalitarismo, mas não se mostra de oferecer sugestões eficazes para mudá-lo.

Considerando como suicida a posição atual dos socialistas, que cedeu à tentação totalitária enganados pela fórmula marxista da estatização total dos meios de produção, Revel chega a uma conclusão utópica que bem revela a sua insegurança. Afirma que «o socialismo não é concebível na atualidade e só poderia realizar-se através de uma coordenação planetária». Condena assim o Estado-Nação e, ao mesmo tempo, sugere uma organização mundial em que o próprio arbítrio nacional estaria sujeito às exigências de uma coordenação supertotalitária que abrangeria todo o planeta. Nesse momento Revel mostra a sua ignorância da doutrina de Jesus, que rejeita juntamente com a Marx.

Jesus pregou o advento do Reino de Deus na Terra. Esse Reino é caracterizado por uma expressão evangélica bem conhecida «e a sua justiça». Mas não podemos chamar essa justiça de social, porque ela decorre da ordem moral, proveniente da consciência. A coordenação planetária, nesse caso, decorreria naturalmente daquilo que Hubert considera «a solidariedade de consciências». Se Revel houvesse lido os livros franceses de Rene Hubert veria que a colocação de problemas dessa natureza na França exige um pouco mais de profundidade. Até mesmo a concepção de Rousseau sobre o Estado como um contrato social parece ter escapado à compreensão do ensaísta que «L'Express» agora está promovendo. Esse anticristão não apenas rejeita, mas até mesmo desconhece a mensagem cristã.

### AS OLIGARQUIAS

Um dos pontos centrais do pensamento de Revel é o da sucessão das oligarquias. O que vale a pretensão socialização da economia, pergunta ele, se o poder político continua nas mãos de uma oligarquia que o dirige ao seu arbítrio? O problema não é Bem esse, mas o de saber-se que espécie de gente constitui essa oligarquia. Kardec — outro francês e outro cristão que Revel desconhece, sustentou em Paris, no século passado, a tese da sucessão das aristocracias no poder. Das aristocracias teocráticas da antiguidade, às aristocracias nobiliárquicas, destas à do dinheiro surgida com a burguesia, e desta à do trabalho, proposta pelas esquerdas, e à tecnológica que surgiu sem pedir

licença nem às esquerdas nem às direitas, avançariamos para a aristocracia intelecto-moral, constituída não apenas de homens, mas de seres morais altamente intelectualizados. É a supremacia do espírito, que se impõe por si mesmo no plano social.

Conhecemos o problema do desenvolvimento do homem a partir do ser biológico, passando pelo ser social e atingindo a condição superior moral. Não se trata, pois, de uma aspiração ilusória, mas de uma colocação da questão em termos concretos e existenciais. Seria o sonho social da República platônica? Hubert, seguindo essa mesma linha de pensamento, nos fala da Repritos, ou seja, de uma organização social, produzida pela educação bem dirigida, segundo «uma pedagogia pensada à francesa». Pode-se alegar que se trata de uma solução a grande prazo. Mas não será melhor chegarmos ao objetivo com mais vagar e mais segurança, do que termos de enfrentar as peripécias da violência e do crime?

### A ILUSÃO DA FORÇA

Revel colocou o problema da tentação totalitária, mas esqueceu-se de outro não menos importante, que é o da ilusão da força. Lembrou-se de que essa questão foi levantada por Roain Rolland, nas suas campanhas contra a primeira guerra mundial. Tanto em nossa vida particular, quando nas coisas de maneira assustadora. Depois da primeira conflagração tivemos uma série de revolução e pequenas guerras que prepararam a segunda em dimensões de horror. Se insistirmos nessa linha, diante em pouco estaremos em face do apocalipse da guerra nuclear. Não adianta pensar que podemos apagar fogueiras com petróleo. A experiência mostra o contrário.

Cada homem é uma potência que tem pela frente outra potência igual e contrária. O mesmo acontece com os grupos de homens e os Estados-potências. Não é prova de inteligência, mas de loucura, pensar que podemos lançar-nos a uma troca de bombas nucleares por cima das fronteiras e sair-mos vitoriosos ou ilesos.

O apelo à força é recurso dos brutos e não de seres racionais. Se quisermos manter os princípios de liberdade no mundo, não podemos querer escravizar os outros, derrotá-los e mata-los. Temos de encarar a humanidade como um todo. O maior milagre de Jesus foi despertar as consciências do mundo violento do seu tempo para abrir perspectiva de um mundo de fraternidade humana. O segundo milagre será converter Revel à prudência e à coerência.

Decorre da ilusão da força a sequência atordoante de golpes de Estados em nosso tempo. E a própria tentação totalitária não é mais do que um corolário da ilusão da força. Estamos ainda mais próximos da selva do que supomos. Ao invés de confiar no poder do direito e da razão, utilizando os instrumentos de ordenação social das conquistas democráticas, vivemos tentando a substituição de grupos no poder ou de estruturas sócio-econômicas. Reduzimos o homem a um número na contabilidade empresarial ou o classificamos como um objeto de uso que podemos manejar na criação das hordas tecnológicas.

### O HOMEM POLÍTICO

Conhecemos o conceito aristotélico do homem como «animal político», mas não queremos que o homem político se conduza como um animal, esquecendo a sua condição moral. A verdadeira política não se define como jogo de inte-



resses pessoais ou arte da mentira, mas como dedicação moral aos interesses fundamentais da polis (cidade). Se espousamos uma teoria política sinceramente, convictos de que ela nos levará à solução dos problemas básicos da sociedade, ninguém tem o direito de querer marginalizar-nos com julgamentos baseados em outros princípios. O homem político, dotado de vocação para as atividades nesse campo deve ser respeitado como homem e não considerado com réprobo. As condenações apaixonadas de adversários políticos são prova de um nível moral inferior do meio em que ocorrem. O respeito à dignidade humana é o índice inflexível da elevação moral de um povo, de uma nação.

A posição de Revel, na França, propondo a violência como meio de preservação das liberdades políticas, é mais do que um contra-senso, é uma violência contra o espírito francês, um atentado a toda a tradição do liberalismo francês, a todas as conquistas dolorosas da nação na luta milenar contra o arbítrio. Se acreditamos na liberdade como um direito e um valor humanos, por mais sombrio que se mostre o panorama mundial ao nosso redor, não será com medidas violentas que conseguiremos defender esses valores. O que falta à França de hoje é uma revisão de seu passado histórico e uma análise penetrante e imparcial dos fatos culturais e morais que marcaram a metade do século XIX em nossa terra.

Nesse tempo, que é de ontem, que pertence ao aqui e ao agora da cultura francesa, Kardec elaborava a Doutrina Espírita em suas três dimensões de Ciência, Filosofia e Religião. Dessa elaboração surgiam aberturas renovadoras para o pensamento francês em todas as direções culturais. A França praticamente rejeitou essas aberturas e fechou-se nos conceitos então dominantes. Foi o mesmo que ocorrera com Jesus na Judéia. Mas assim como o Cristianismo se projetou além das fronteiras estreitas de Israel e projetou-se no mundo, o Espiritismo também rompeu o condicionamento cultural da França e lançou as suas luzes sobre outros povos. A inteligência francesa alimentou-se navaidade de um intelectualismo frio e pretensioso e na cegueira do materialismo. A política francesa amarrou-se ao carro triunfal dos golpes e das manobras do novo século que se aproximava. Perdemos a grande oportunidade de criar e oferecer ao mundo o modelo do verdadeiro homem político. Mas essa oportunidade se renova nestes dias em que a nova situação da Ciência, da Filosofia, da Religião, da Política e da Psicologia confirma o acerto da posição kardecista. Estou certo de que abriremos os olhos para a nova realidade mundial. Revel será derrotado nos debates propostos por «L'Express».